

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARIENE FRANCINE LIMA

*MARES E PESCADORES:
Narrativas e conversas em Itapoá*

CURITIBA
2011

MARIENE FRANCINE LIMA

*MARES E PESCADORES:
Narrativas e conversas em Itapoá*

Dissertação de mestrado apresentada
ao Programa de Pós-Graduação em
Educação da Universidade Federal do
Paraná, como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre em
Educação

Orientadora: Dra. Andreia A. Marin

Linha de Pesquisa: Educação,
Ambiente e Sociedade

CURITIBA
2011

Catálogo na publicação
Sirlei do Rocio Gdulla – CRB 9ª/985
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Lima, Mariene Francine
Mares e pescadores: narrativas e conversas em Itapoá /
Mariene Francine Lima. – Curitiba, 2011.
109 f.

Orientadora: Profª. Drª. Andreia Aparecida Marin
Dissertação (Mestrado em Educação) - Setor de Educação,
Universidade Federal do Paraná.

1. Itapoá (SC) – História. 2. Narrativas pessoais – Pescadores – Itapoá (SC). I. Título.

CDD 981.64



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



PARECER

Defesa de Dissertação de **MARIENE FRANCINE LIMA** para obtenção do Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO. Os abaixo-assinados DR^a ANDREIA APARECIDA MARIN, DR^a SOLANGE TEREZINHA DE LIMA-GUIMARÃES E DR MARCOS ANTONIO DOS SANTOS REIGOTA arguíram, nesta data, a candidata acima citada, a qual apresentou a seguinte Dissertação: **“MARES E PESCADORES: NARRATIVAS E CONVERSAS EM ITAPOÁ”**.

Procedida a arguição, segundo o Protocolo aprovado pelo Colegiado, a Banca é de Parecer que a candidata está apta ao Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO, tendo merecido as apreciações abaixo:

BANCA	ASSINATURA	APRECIÇÃO
DR ^a ANDREIA APARECIDA MARIN		aprovada
DR ^a SOLANGE TEREZINHA DE LIMA-GUIMARÃES		aprovada
DR MARCOS ANTONIO DOS SANTOS REIGOTA		aprovada

Curitiba, 31 de março de 2011.

Prof. Dr. Paulo Vinicius Baptista da Silva
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação

Prof. Dr. Paulo Vinicius Baptista da Silva
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação
Matr.: 135429

**Aos pescadores e pescadoras,
personagens destas histórias...**

Agradeco

Aos anjos que me rodeiam, protegem e iluminam o meu caminho.

À minha vó Iracema sempre tão zelosa e devotada emprestando-me seus anjos para auxiliar-me no trabalho. Precisei de muitos anjos!

Aos meus pais, Nivia e Roque e as minhas irmãs Mircéia, Maira e Marla, por serem uma super família. Em especial à Maira pelo desprendimento e generosidade ao emprestar sua filmadora para a minha grande aventura. Brigadão!

Ao meu marido Thiago por sua infinita paciência com meus sucessivos surtos. Ao seu amor, carinho e apoio durante todo o trabalho e pela ajuda nas filmagens.

À minha amiga e orientadora Andreia pelas conversas, compreensão e paciência. Por me fazer ver o novo, ao longe e ao redor. Por acreditar sempre... Foste essencial!

Ao André, Rose e Claudio pelas conversas e apoio.

Ao Éder, morador de Itapoá, por algumas indicações e apresentações aos pescadores.

À família Zagonel-Pereira: Tia Marina, Ana e Zé... Valeu pelas infindáveis edições, lanches, jantares, bate-papos, caronas e companhia.

À professora Solange Terezinha de Lima-Guimarães, que compôs a banca de defesa, trazendo sugestões e elogios. Obrigada pelas belíssimas palavras.

Ao professor Marcos Reigota, que assim como a professora Solange, também participou na avaliação do trabalho. Agradeço os elogios e as considerações, que, embora muitas delas não estejam, em sua totalidade, expressas no corpo do trabalho, estão construindo reflexões na minha formação acadêmica e profissional. Obrigada pelo apoio e atenção.

Ao seu Kalanga e dona Mariquinha, seu Lelé e dona Anair, seu Manoel e dona Dulce, seu Zequinha e dona Helena, seu João e dona América, seu Elias e dona Tereza... Obrigada por dividir comigo suas histórias.

Ao CAPES/Reuni pela bolsa de mestrado.

O povo de Iemanjá tem muito a contar. (...) Vinde ouvir essas histórias e essas canções. Vinde ouvir a história da vida e do amor no mar. E se ela não vos parecer bela, a culpa não é dos homens rudes que a narram. É que a ouviste da boca de um homem da terra, e, dificilmente, um homem da terra entende o coração dos marinheiros. Mesmo quando esse homem ama essas histórias e essas canções e vai às festas de dona Janaína, mesmo assim ele não conhece todos os segredos do mar. Pois o mar é mistério que nem os velhos marinheiros entendem.

(Mar Morto, Jorge Amado)

Resumo

Narrativas e conversas a beira mar. Olhos avistam ao longe a baía. Mudanças no lugar, mudanças na vida. Trajetórias traçadas pela pesca e desejos litorâneos. Homens e mulheres do mar cujo sustento e modos de vida são influenciados pela lua, marés e tormentas. Vê-los, ouvi-los para conhecer um pouco do lugar, um pouco de uma Itapoá já tão transformada e modificada. Mares que encantam e atormentam; são fascinantes e perigosos; tiram vidas e dão o provimento. Vidas comuns e tão singulares retratadas em histórias cotidianas. VISIBILIDADE... É sobre o que trata esse trabalho. Ver e tornar visíveis sutilezas que passariam despercebidas, materialidades que dão testemunha do lugar, de mobilidades, mudanças ocorridas, subjetividades desenhadas no ritmo das marés. Contos dos antigos que revisitam lendas, crendices ou apenas vivências que já não existem mais. Composições narrativas criadas através dos relatos dos personagens reais que deram vida a este trabalho. Eis então que fica o convite: Vinde ouvir suas histórias, olhar o lugar através dos seus olhos e sentimentos.

Palavras-chave: narrativas, conversas, pescadores, mar, visibilidade

Abstract

Narratives and talks in front of the sea. The eyes sight the Bay far way. Changes in the place, changes in the life. Trajectories traced by the fishery and coastal desires. Men and women from the sea whose livelihood are influenced by the moon, tides and storms. See them, hear them to know a little bit about the place, about a so transformed and changed Itapoá. Seas that delight and torment; are fascinating and dangerous; take out lives and give supply. Ordinary and particular lives portrayed in daily stories. VISIBILITY ... It is about what such work. See and make visible subtleties that go unnoticed, materiality that give witness of the place, mobility, changes, subjectivities in the rhythm of the tides. Tales of ancient that revisit legends, beliefs or just experiences that do not exist anymore. Narratives compositions created through the reports of real characters who gave life to this work. Here then is the invitation: Come listen to them stories, look to the place through their eyes and feelings.

Key-words: narratives, talks, fishermen, sea, visibility.

Lista de figuras

Figura 1	Mapa com a localização do município de Itapoá	17
Figura 2	Vista aérea do município de Itapoá	18
Figura 3	Vista aérea do Porto de Itapoá em construção	23
Figura 4	Vista aérea do Porto de Itapoá	23
Figura 5	Chega de noite tem uma ardentia no mar	34
Figura 6	Foto da estante	41
Figura 7	Barracão do seu Kalanga e as canoas de um pau só	57
Figura 8	Peixaria do seu Lelé	58
Figura 9	Três momentos do Lutador	62
Figura 10	A canoa e o cargueiro	105

Sumário

Onde tudo começa...	13
Apresentação	14
Itapoá: A pedra que surge	15
Nos tempos de outrora e as mudanças de hoje em dia... Pesca e paisagem	18
Personagens	24
Parte 1. Narrativas	30
Noites de ardentia, cações a reboque	31
Dias de mar arruinado	34
Surra da Miraguaia	38
Mulheres que puxam redes	41
Filha da baía	43
Contos dos Antigos	45
Parte 2. Conversas	52
Mirrada pescaria	53
Materialidades	58
A pesca vicia	65
Conversando com Hemingway	67
Parte 3. Poéticas da vida no mar	73
Encanto das águas	81
Olhos e coração de pescador	86
As mulheres e o mar	94
Conhecimento que vitalmente se adquire: os velhos e o mar	100
Ao final da trajetória	103
Referências Bibliográficas	106
Anexo	109

Onde tudo começa...

Realidades comuns, porém únicas... Em histórias contadas à beira-mar. Misturam-se a fantasias e detalhes de cenas que nos instigam a sonhar e vivenciar a vida de homens e mulheres, cujo dia a dia está ligado ao mar e a pesca.

O desejo: querer ver mais, conhecer mais sobre um cenário que me traz memórias de lugares únicos. Mares... Intensos. Mágicos? Ou de uma concretude dura, cruel?

Não sou pescadora... Tampouco meus pais o são... Mas sinto as ondas como forças irresistíveis. O mar sempre esteve em mim... Saturada de maresias imaginárias, quis conhecer mais sua materialidade, as concretudes daqueles que nele vivem e imergem seu dia a dia... Torná-las visíveis.

VISIBILIDADE... Ver: o outro; pelo outro, o lugar; pelo lugar, os desejos... Visões, de revisitações de passados a imagens do futuro. VISIBILIDADE... É sobre o que trata esse trabalho. Ver e tornar visíveis sutilezas que passariam despercebidas, materialidades que dão testemunha do lugar, de mobilidades, mudanças ocorridas, subjetividades desenhadas no ritmo das marés.

Dois segundos e a questão ecoando de corredores secos, estáticos: *para que, afinal? Você tem um objetivo?* Está dito, penso. E socorre-me, dos cantos fluidos, ao embalo da brisa marinha, a voz decidida de *Seu Lelé*:

- Não me importa se isso vai dar em alguma coisa, só de vir aqui e se interessar em conhecer as minhas histórias, já estou muito satisfeito.

Eu, acolhida com minha mala de devaneios. Eles(as) com seus olhares momentaneamente indecisos, mas rapidamente sinceros e acolhedores:

- *Que legal a moça querer ouvir a gente, as nossas histórias... Vir até aqui nos escutar.* - Ajuda Seu João.

Ganho ânimos. Sento um instante na praia e vou tirando devagar desnecessidades carregadas na bagagem: instrumentos; roteiros; perguntas cuidadosamente anotadas; folhas de papel quadriculadas... Ah! Um isqueiro. Sempre é possível achar um utensílio desses quando se precisa deles. Pequena fogueirinha na beira da praia, apagada com areia molhada. Cinzas e areia indo com as ondinhas... Se salva um pequeno diário, o gravador portátil e a máquina de filmar. Ouvidos e olhares atentos.

Olho ao longe. Homens e mulheres em meio a redes estendidas ao lado do velho galpão. Reverbero o som longínquo que, então, me invade:

Vinde ouvir essas histórias... Pois o mar é mistério que nem os velhos marinheiros entendem (Jorge Amado).

Apresentação

As composições das narrativas que fazem parte deste trabalho foram criadas com relatos de pescadores e pescadoras, moradores de Itapoá-SC, que, gentilmente, permitiram que suas histórias e identidades fossem divulgadas. O vídeo que acompanha essa escrita, feito na forma de um documentário, destaca as singularidades desses relatos, que compõem um retrato do lugar e de seus modos de viver.

As narrativas são um misto de ficção e dados provindos dos relatos. Os protagonistas são os próprios depoentes, nominados como personagens reais das histórias contadas¹. As ambiências e algumas situações foram

¹ As histórias são fictícias, basearam-se nos discursos e relatos cedidos espontaneamente.

criadas para permitir uma descrição mais detalhada das nuances do lugar, bem como a oportunidade de forjar conversas entre os pescadores de Itapoá e entre eles e outros homens e mulheres que vivenciam, em diferentes contextos, a vida da pesca. Suas falas, por sua vez, foram cuidadosamente preservadas para comporem possibilidades... Possibilidades de mostrar um pouco do passado, do presente, do lugar, das mudanças, do aprendizado e do trabalho no mar. As conversas e diálogos criados a partir dos relatos cedidos pelos entrevistados são uma tentativa de conhecer parte do contexto do seu dia a dia. Foram compostas sem a preocupação de evidenciar ou ocultar possíveis laços afetivos entre os personagens.

A elas, segue meu próprio depoimento, entre as andanças e prosas nas praias de Itapoá e a aventura na mesa de estudos em Curitiba. Desfecho: maresias, imaginárias e, agora, concretas.

Itapoá: A pedra que surge

De origem indígena, Itapoá significa *pedra que surge*, fazendo referência a uma pedra distante da praia cerca de 300 m e que com as variações de maré, surge em sua vazante. A região apresenta inúmeros Sambaquis² que mantêm viva a presença dos antepassados que viveram nesta região e eram conhecidos como os índios Carijós.

² "Sambaquis (palavra de origem Tupi que significa, literalmente, «monte de conchas») são sítios arqueológicos monticulares distribuídos por toda a costa brasileira, ocupando principalmente zonas de tons ecológicos cambiantes, como regiões lagunares e áreas recortadas de baías e ilhas. [...] o significado dos sambaquis enquanto estrutura arqueológica e a elaboração de modelos de ocupação para as áreas costeiras do litoral meridional do Brasil são aspectos que permanecem pouco explorados. Tidos tradicionalmente como vestígios de acampamentos sucessivos de bandos de coletores de moluscos e pescadores, tais sítios vêm sendo considerados, nos últimos anos, estruturas intencionalmente construídas (Gaspar e DeBlasis 1992), plenas de significação simbólica para seus construtores". (DEBLASIS *et al*, 2007, p.30-31)

O município de Itapoá localiza-se no extremo norte do litoral catarinense, fazendo divisa ao norte com o estado do Paraná e tendo ao sul o Município de São Francisco do Sul. Sua população está estimada em 10719 habitantes (IBGE, 2007) com uma população flutuante de 200.000 pessoas em alta temporada de verão. A região possui diversos atributos ambientais e culturais, tais como, Mata Atlântica preservada, Sambaquis e beleza cênica como a da Baía da Babitonga.

O município de Itapoá foi decretado em 26 de abril de 1989, anteriormente pertencia a Guaruva e tornou-se distrito em 01 de março de 1966 (PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAPOÁ, 2008). Antes de pertencer a Guaruva, Itapoá era representada por São Francisco do Sul e o seu acesso praticamente ocorria pelo mar, através da baía da Babitonga. As principais localidades de Itapoá são: Barra do Saí, Itapema do Norte, Itapoá, Pontal do Norte e Figueira do Pontal, localizados na orla e Saí Mirim e Jaca, localizados no interior.

A pesca da região é essencialmente artesanal, sendo utilizados como petrechos: redes de arrasto, redes de emalhe, gerival³, tarrafas e linhas. As embarcações são, na maior parte, canoas a motor, bote ou baleeiras sem cabines.

Na baía da Babitonga situam-se em seu entorno 33 comunidade de pescadores artesanais, vivendo historicamente da atividade pesqueira, além da construção, reforma e manutenção de embarcações, coleta de caranguejo e atividades ligadas ao turismo de pequena escala. A colônia de pescadores de Itapoá, conhecida como Z-1, foi fundada em 1966 e abrange as localidades de Barra do Saí, Itapema do Norte, Itapoá, Pontal, Figueira do Pontal, Rio Jaguaruna e Rio Saí Mirim. O número de filiados à colônia de Itapoá é de 1000 associados, o número de pescadores pode ser maior, uma

³ Um tipo de rede de arrasto específica para captura de camarões em estuários.

vez que não foram levados em consideração os pescadores não filiados (FABIANO, 2009).

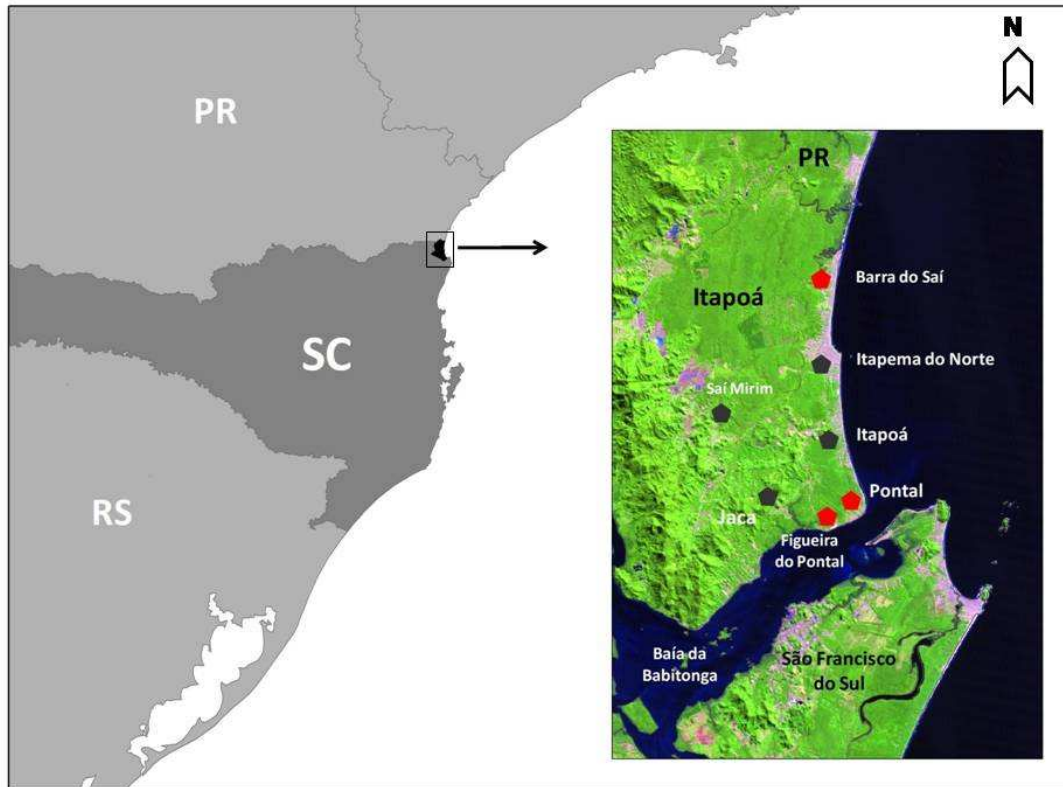


Figura 1. Mapa com a localização do município de Itapoá: localidades de pesca que foram estudadas (destacadas por pontos vermelhos)



Figura 2. Vista aérea do município de Itapoá: Barra do Saí-Mirim e Baía da Babitonga marcados. Fonte: <http://www.cantinhodairacema.com.br/localizacao.htm>

Nos tempos de outrora e as mudanças de hoje em dia... Pesca e paisagem.

A pesca, praticada pelos índios, é uma atividade anterior à chegada dos navegadores portugueses ao Brasil, e peixes, crustáceos e moluscos eram parte importante de sua dieta alimentar. Os inúmeros sambaquis, depósitos de conchas encontrados em sítios arqueológicos ao longo do litoral atestam a importância da atividade da pesca e coleta. (DIEGUES, 1999, pg. 361)

Praticada pelos antepassados, a pesca traz em si sentidos de sobrevivência e intensa relação com o ambiente. Base da dieta de povos ribeirinhos e litorâneos, a pesca passa a ser a premissa formadora também de culturas e identidades da *gente do mar e do rio*. São muitas as culturas

regionais litorâneas geradas da atividade pesqueira, como por exemplo, a dos Jangadeiros (litoral nordestino), a do Caiçara (Rio de Janeiro e São Paulo), e o Açoriano (litoral de Santa Catarina e Rio Grande do Sul) (DIEGUES, 1999, pg. 362).

A pesca artesanal serve como subsistência da comunidade pesqueira e como fonte de renda pela comercialização do pescado. "Os pescadores artesanais podem ser os proprietários dos barcos e petrechos ou utilizá-los em sistema de parceria com os proprietários. Utiliza embarcações de pequeno e médio porte, motorizadas ou não. Os petrechos e insumos utilizados são relativamente simples, muitas vezes confeccionados pelos próprios pescadores" (BASTOS, 2006).

A pesca artesanal em comunidades litorâneas, na maioria das vezes, ocorria paralelamente a uma pequena produção agrícola, os roçados (ADAMS, 2000; DIEGUES, 1999). Em grande parte das comunidades, os homens iam para o mar pescar e as mulheres ficavam responsáveis pela lida da casa e da roça. O fabricar da rede, os petrechos e aparelhos de pesca simples distante de tecnologias, a navegação por remos e velas, o isolamento, os hábitos e modos de vida únicos das comunidades pesqueiras, foram fatores que marcaram a pesca e o pescador artesanal. Mudanças ocorridas nas práticas e técnicas artesanais, como o uso de barco a motor e tecnologias de aparelhos criaram novas possibilidades a esse setor. Conflitos gerados com a indústria pesqueira por território, capital, produção e a conseqüente marginalização dos pescadores artesanais, são debates que vêm permeando pesquisas e discussões acerca desses temas, criando novos contextos para a pesca de pequena escala e favorecendo o embate que a situação requer (VASCONCELOS *et al.*, 2007 ; CARDOSO, 2003; FABIANO 2009, DIEGUES, 1999). A prioridade cedida, pelos órgãos governamentais, à pesca industrial/empresarial, resultava em pouca importância e

visibilidade para o setor artesanal pesqueiro, esquecendo que cerca de metade da produção pesqueira no Brasil é oriunda desta prática. (VASCONCELLOS *et al.*, 2007).

A pesca artesanal é dispersa e complexa variando, assim como os aspectos culturais, de região para região, fato que se torna evidente no uso de diversas artes de pesca na captura de recursos pesqueiros. Tal diversidade configura cada comunidade pesqueira como um corpo singular que precisa ser conhecido no planejamento do futuro dos lugares onde estão inseridas. Mudanças bruscas da paisagem podem significar a perda de importantes significações, laços afetivos e configurações sociais que desejam os modos de viver dessas comunidades.

Aqueles que viveram em Itapoá a 60-50 anos atrás, afirmam que o lugar era mata fechada. Não existiam estradas, ruas ou acessos; tudo dependia do mar e a estrada era a praia. Os pescadores pescavam na baía da Babitonga ou em áreas próximas a ela e iam vender o produto em São Francisco do Sul. Aqueles que lá viviam contam que era bastante difícil viver por lá. Tudo do que precisavam, roupas, remédios, mercados, médicos... Tudo era encontrado somente em São Francisco do Sul.

Itapoá, antes de ser município, pertenceu a São Francisco do Sul, posteriormente pertenceu a Guaruva até emancipar-se. As famílias viviam da pesca e da roça, os homens iam pescar e as mulheres cuidavam da roça... Muitos praticavam uma pesca de subsistência voltada para o consumo familiar. Aqueles que possuíam canoa, que na época era a remo e a vela, conseguiam vender parte do pescado em São Francisco do Sul. Porém, quando se queria ir de uma localidade a outra, por exemplo, da Figueira do Pontal até Itapoá, precisavam ficar atentos com a maré e assim, aproveitar as marés baixas para fazer o percurso a pé ou de bicicleta, ou então, adentrar por entre o mato.

Embora houvesse muitas dificuldades estruturais de se viver em Itapoá, as pessoas entrevistadas, em sua maioria, gostavam bastante da tranquilidade e quietude do lugar. Afirmam, inclusive, que antigamente as pessoas eram mais unidas, formando quase uma grande família. Todos se respeitavam e ajudavam uns aos outros. O termo *indígena*, para designar a maneira como eles viviam, foi lembrado e reforçado por alguns, no intuito de fortalecer a união e o amparo que tinham uns para com os outros.

Hoje as amizades e laços de pertencimento ao lugar parecem esvaírem-se. A população aumentou e a vizinhança já não é mais tão conhecida, dizem não haver mais tanto apreço e consideração uns pelos outros, mas alegam que na comunidade pesqueira ainda há muito apoio e lealdade entre os pescadores locais. Este fato, pude constatar pessoalmente após uma forte tempestade que ocorreu no mês de novembro de 2010, quando um pescador teve seu barco afundado pela chuva na região da baía, distante há uns 20 metros da praia, com cerca de 10 metros de profundidade. Naquele dia, ligamos para os bombeiros, para a marinha, tentando conseguir ajuda para que o barco fosse retirado do mar. A ajuda não veio por essas instituições, no entanto, a união e amizade dos pescadores solucionaram a questão. Eles mergulharam, amarraram um cabo num ponto estratégico da canoa, içaram-na com outro barco, emergiram-na e trouxeram-na à praia. A ajuda veio dos vizinhos, dos amigos, daqueles que se viram na mesma situação.

A vinda de outras pessoas para Itapoá vem fazendo o município crescer. No entanto, para os antigos há um sentimento de desconfiança, expectativas e de desamparo com as mudanças que surgem no local. A chegada do Porto de Itapoá, por exemplo, gera discussões antagônicas sobre o projeto. Alguns pescadores e familiares acreditam que o porto será bom, pois trará emprego à comunidade, outros já acham que a presença do porto num local onde eles afirmam ser um ótimo ponto de pescaria

(pescador) gera conflito com a pesca, marginalizando ainda mais o pescador. Além do que, temem também que o emprego gerado pelo porto para a comunidade seja pontual e de pouca continuidade, acarretando num maior número de pessoas vindas para a região.

Atualmente a base econômica da região é o turismo, que acaba movimentando a economia sazonalmente e gera forte pressão imobiliária no município. Em geral, os pescadores e seus familiares afirmam que a cidade tem melhorado, principalmente quando comparado há muitos anos atrás, onde a falta de serviços básicos era enorme. No entanto, percebem que Itapoá mudou demais e que a paisagem ainda será muito alterada, tornando-a irreconhecível daqui a alguns anos.

Quando questionados sobre o antes e o agora, fica claro que o sofrimento e dificuldades gerados pela falta de estrutura do passado era recompensado pela tranquilidade e sossego do lugar que, aliados aos fortes laços de amizade e companheirismos da comunidade, dava-lhe o status de paraíso. No entanto, é de senso comum que os recursos trazidos para a região, melhoraram e facilitaram a vida e o dia a dia da comunidade, trazendo como ônus o distanciamento e individualização de seus moradores.



Figura 3. Vista aérea do Porto de Itapoá em construção: área já desmatada para a instalação do porto em Figueira do Pontal.
Fonte: <http://www.teconsc.com.br/galeria.asp>



Figura 4. Vista aérea do Porto de Itapoá finalizado: inauguração em 22/12/2010
Fonte: <http://www.portoitapoa.com.br/inauguracao/galeria.html>

Personagens

Seu Manoel e Dona Dulce



Dona Tereza e Seu Elias



Seu Zequinha e Dona Maria Helena



Dona América e Seu João

Seu Lelé e Dona Anair

Dona Mariquinha e Seu Kalanga

A seguir, seguem um relato sucinto dos personagens narrados nas histórias criadas neste trabalho.

Seu Lelé:

Conhecido por seu Lelé, Izael Nascimento da Silva tem 64 anos e mora em Figueira do Pontal, na beira da baía da Babitonga. Nasceu e cresceu em Itapoá. Iniciou na pesca aos 12 anos, indo pescar com o pai. Era o único filho homem e tinha mais 3 irmãs. É casado com dona Anair e tiveram dez filhos - sete homens e três mulheres - um filho faleceu ainda bebê.

Ele gosta muito de Itapoá, porém já colocou sua peixaria à venda, por conta das mudanças ocorridas no lugar. Tem vontade de ir embora, no entanto, não quer ficar longe do mar.

Dona Anair:

Dona Anair Cassatt da Silva tem 63 anos é descendente de italianos. Trabalhava na roça, é natural de Rio dos Cedros, indo morar posteriormente no Saí-Mirim, em Itapoá. Quando trabalhava na roça, cortou o tornozelo com a enxada o que a fez ter tétano. Começou a trabalhar em um hotel em Itapoá, o primeiro que existiu por lá, só para poder pagar os remédios. Tinha que ir para Pirabeiraba comprar os remédios. Quando morava no Saí-Mirim foi atingida por um raio, o que a deixou doente por cerca de um ano.

Conheceu o seu Lelé quando trabalhava no hotel em Itapoá, casaram-se e então ela passou a ajudá-lo com a limpeza dos peixes que ele pescava e a cuidar da peixaria.

Dona Dulce:

Dona Dulce Soares de Souza tem 59 anos. Nasceu em Itapema, sua avó quem fez o seu parto. Tem dois irmãos e três irmãs. A família vivia da pesca e da roça. Seus irmãos se tornaram pescadores. Dona Dulce é aposentada pela pesca e trabalhava ajudando a limpar os peixes que o pai pescava, desde os oito anos de idade. Seu segundo marido é o seu Manoel, um dos personagens destas histórias. Afirma que começou a se envolver realmente com a pesca depois de casada, limpando peixe e ajudando a puxar rede da praia.

Seu Manoel:

Seu Manoel Caldera é o mais antigo dos pescadores entrevistado, tem 77 anos e começou na lida da pesca aos 11 anos. Aprendeu a pescar com os tios, pois o pai morreu cedo. Tem uma porção de filhos, como ele mesmo diz. É um grande conhecedor do mar e das técnicas de pescarias. É muito habilidoso... Sabe fazer casa de madeira, canoa, barco, gamela, coxin, remo, rede... E também trabalha um pouquinho de pedreiro, de pintor e encanador.

Mora com Dona Dulce na Barra do Saí, sua casa fica de costas para o rio Saí-Mirim, que vai desaguar no mar, formando a Barra do Saí. Lá ficam seus barcos e canoas... Pertinho do rio. Hoje em dia já não pesca no mar, mas ainda arrisca-se no rio.

Dona Mariquinha:

Dona Mariquinha é Maria das Dores da Silva, tem 54 anos e vem de uma família de pescadores, pais e avós. Trabalhavam na roça e na pesca. Seus irmãos são pescadores. Quando solteira Dona Mariquinha trabalhou em outras cidades, ela ia e voltava. Casou-se com seu Kalanga e desde então passou a se envolver diretamente com a pesca. Eles tiveram oito filhos,

cinco homens e três mulheres. Os filhos homens sempre foram para o mar, uma das filhas já foi ajudá-los a puxar rede.

Dona Mariquinha já saiu pro mar para pescar com o marido, mas pescava mais em terra. Hoje em dia trabalha diariamente na limpeza do pescado, junto com as filhas. Ela se considera pescadora e tem carteira de pesca.

Seu Kalanga:

Seu Kalanga chama-se João Antônio da Silva, tem 55 anos e começou a pescar por volta dos 8 anos de idade. Tem três irmãos e quatro irmãs. Todos são pescadores. Adora pescar, tem orgulho de ser pescador. Já tentou trabalhar em outras coisas, mas acabou voltando para a pesca. Gosta de ser pescador, mas afirma ser muito sofrido o trabalho que tem. A maior parte das pescarias ele vai sozinho, mas por vezes já teve a companhia de sua esposa e de seu cunhado, o seu Zequinha. Seu Kalanga mora com a esposa e filhos em Pontal do Norte, que fica entre Itapoá e Figueira do Pontal.

Seu Zequinha:

José Gonçalves do Nascimento tem 60 anos e é conhecido como seu Zequinha. Ele é casado com Dona Maria Helena, irmã do seu Kalanga. Toda vida ele trabalhou com a pesca, com exceção de poucos meses que foi funcionário do antigo banco Bamerindus. Seu Zequinha não tem barco próprio e sempre sai para pescar com outros pescadores.

Nasceu e criou-se em Itapoá, nunca quis sair da cidade, pois ajudava a cuidar da família, uma vez que era o filho mais velho. Perdeu um avô e um primo no mar, pescando... A canoa virou.

Dona Maria Helena:

Dona Maria Helena do Nascimento tem 55 anos e sempre esteve envolvida com a pesca, aprendeu com o pai e a mãe. É pescadora e tem carteira de pesca, mas nunca foi para o mar pescar, no entanto, participa na pesca da tainha, ajudando a puxar a rede na praia e também está envolvida na limpeza do pescado.

Casada com seu Zequinha têm cinco filhos, três homens e duas mulheres. Os filhos não pescam, já pescaram... Hoje em dia, trabalham mais na área de construção, como pedreiro, por exemplo.

Mora em Pontal do Norte e é vizinha do irmão, o seu Kalanga.

Seu João

Seu João da Conceição de Miranda tem 73 anos, nasceu e viveu em Itapoá. Inclusive, mora na casa que foi da sua infância, seu pai era pescador e já morava naquele mesmo lugar, em Pontal do Norte. Começou a pescar com a idade de oito anos, nessa época seu pai não tinha canoa, e eles pescavam de tarrafa da praia, seu João ajudava colocando os peixes no cesto. Hoje em dia ele tem três barcos, ainda sem motor, no remo e na vela... E ele continua pescando.

Dona América

Dona América Perez Miranda tem 70 anos. Sempre morou em Itapoá. Sua família vivia da pesca e da roça. Seu pai ia pescar, trazia o peixe e ela ajudava a mãe a limpá-los. Ainda hoje ajuda seu marido na limpeza do pescado. Ela é casada com o seu João e eles tiveram 18 filhos.

Embora trabalhe na limpeza dos peixes, ela não se considera uma pescadora, nem carteira de pesca ela fez. Nunca ela embarcou numa canoa para pescar, só para ir até São Francisco do Sul. Nunca gostou de pescar.

Seu Elias

Elias Perez da Silva tem 66 anos e nasceu em Itapoá. Desde os 11 anos de idade é profissional da pesca, com 8 anos já pescava com o pai. Seu pai era pescador, seus irmãos se tornaram pescadores e suas irmãs trabalhavam na limpeza do pescado. É um grande apaixonado pela profissão, que faz com muito orgulho. Tentou trabalhar em outros serviços, inclusive mudou-se de cidade... No entanto, acabou voltando para a pesca e para Itapoá. Embora ame a profissão, está triste com a situação difícil vivenciada pelos pescadores e pela pesca.

Dona Tereza:

Dona Tereza Maura da Silva tem 65. Nasceu em Enseada, mas em seguida veio para Itapoá. O pai era pescador e o avô materno também. É casada com seu Elias e, desde então, começou a se envolver com a pesca. Desde trabalhar na limpeza do pescado até embarcar no barco com o marido para pescar dona Tereza se anima. Já faz uns 3 anos que ela não sai para pescar com o marido, desde que começou a ter problemas de saúde.

Dona Tereza e seu Elias moram em Figueira do Pontal, têm nove filhos, sendo três homens, mas somente um deles trabalha com a pesca e a paixão que ele tem pelo ofício, herdada do pai, rendeu-lhe o apelido de Pirata.

E assim, conhecemos um pouco sobre os nossos 12 personagens, que irão dar vida às histórias, contos e conversas que se seguem. Foram graças aos seus relatos, disponibilidade, paciência e cordialidade que este trabalho tornou-se real.

Parte 1. Narrativas

Noites de ardentia, cações a reboque

Seu Manoel tem 77 anos e de pequeno via o pai pescar. Seu pai trabalhava na pesca e na roça, seu avô pescava de tarrafa, que nem sair pro mar naqueles tempos ele não ia, pescava da praia mesmo. Não tinha canoa e nem clientela para vender aquilo que pescava, então pescava só para a família, para consumo. Seu Manoel pesca com tarrafa, espinhel, covo, rede de espera... Tudo que é tipo de rede, mas nunca pescou com rede de arrasto. A lida da pesca aprendeu com os tios, pois não teve a chance de pescar com o pai, que morrerá quando ele ainda era criança, por volta dos 11 anos de idade.

Ele sempre ia pescar com o tio, numa canoa de remo e vela. Saíam umas 05:00h e pescavam até umas 11:00h, 12:00h. Enchiam uns dois balaios de corvina e quando dava o vento nordeste, botavam a vela na canoa e iam pra São Francisco vender o peixe. Em Itapoá não existia estrada, não tinham como vender o peixe... Freguesia mesmo, só tinha em São Francisco. Quando lá chegavam já passava das 14:00h. Era chegar, pesar o peixe, pagar o dízimo pro fiscal que fazia o controle de venda e aí podiam vender. Quando dava umas 17:00h o fiscal chegava e encerrava as vendas, o peixe que sobrava ele jogava creolina e atirava tudo na baía. Teve uma vez, que já passava do horário de venda, seu Manoel e o tio acabaram perdendo grande parte do que haviam pescado, o fiscal chegou disse que os peixes não prestavam mais e tratou de confiscar o produto seguindo o ritual de jogar creolina e atirar-los na baía...

Que nada! Tava fresquinho, pois tínhamos pescado de manhã! Era um prejuízo, uma barbaridade! Lamentava seu Manoel, mas de nada adiantava.

Isso já faz mais de 50 anos. Hoje em dia ele só pesca no rio, lá no Saí-Mirim que faz fundos à casa dele e deságua no mar, formando a Barra

do Saí. No mar ele já não pesca mais não... Já anda cansado... Na verdade, pegou medo do mar.

Depois que a canoa passou a ter motor, um dia ele saiu de manhã com o tio para pescar... Quando chegaram lá fora o motor pifou... Foi um horror. Tiveram que dormir no mar... Levaram 24 horas no mar sem comer, sem ter água... Sofreram que foi barbaridade. Aquilo acabou com eles.

Nunca se esqueceram daquela noite... Nas conversas com filhos e netos aquela noite sempre vinha ilustrar as histórias: *Chega de noite, tem uma ardentia⁴ no mar, uma água que acende assim. Nós estávamos fundeados⁵ e passava cada cação grande por volta da gente... Uns peixes grandes. Aquilo assustava a gente. Eu peguei medo do mar.*

Quando o dia amanheceu eles remaram das 07:00h até as 14:00h pra chegar na praia. Foi um horror... Chegaram exaustos, famintos, verdadeiras salmouras do mar.

Mas essa não foi a única vez que seu Manoel aventurou-se perigosamente no mar. Era manhã cedo quando seu Manoel e o seu tio Erpidio saíram para pescar lá fora... O dia estava calmo, o sol amarelava as primeiras horas da manhã. Lá fora as ondas batiam ritmadamente, nada que anunciasse uma aventura. Passado algumas horas de pescaria, eles sentiram um peixe grande na rede. O bicho era enorme... Não havia dúvidas, haviam capturado um cação. O cação era pesado, robusto e arredio. As ondas que antes batiam solenemente, agora se amontavam em borbulhões. Quando foram embarcar o cação na canoa, o mar veio pra cima deles e eles caíram na água. O cação, que era muito grande, muito pesado, devia dar uns 600 kg,

⁴ A ardentia a qual seu Manoel faz referência pode ser àquela causada pelos microorganismos planctônicos bioluminescentes (como o *Noctiluca* - um protista unicelular dinoflagelado bioluminescente aberrante) - "... Muitas espécies menores de alguns gêneros comuns são luminescentes e são os principais componentes para a bioluminescência planctônica. Quando presentes em grande número, a sua luz esverdeada no casco de um barco ou remo pode produzir um efeito formidável em um mar calmo à noite". (RUPPERT e BARNES, 1996, pg.30)

⁵ Fundeado: o mesmo que ancorado; que deitou âncora.

acabou virando a canoa também. O cação foi pro fundo e eles ficaram com a canoa emborcada... Passaram um tempão trabalhando, trabalhando até desemborcar a canoa. E, depois demoraram em esgotar a canoa com o chapéu... *Nós trabalhamos das 08:00 até as 16:00 esgotando a canoa,* ressalta seu Manoel. No fim, conseguiram secar a canoa, amarram o cação nela, tipo reboque e trouxeram para a praia. *Nossa sorte é que o cação já tava morto na rede!...* Gargalhava seu Manoel a relembrar-se da história.

As histórias de seu Manoel sempre são contadas em detalhes, encantando e atemorizando aqueles que as escutam. Ninguém duvida do poder do mar ou do peso do cação. E a imaginação se espanta com a tal ardentia do mar e um cação rebocado. A roda de conversas entre filhos e netos se desfaz, depois de longas memórias divididas. Voltam em tão à terra firme. Em terra firme todos maream, já sentindo falta do balanço da canoa, da incerteza das ondas e dos cações a rodear. Era fato... E seu Manoel sentia cada detalhe toda vez que revivia suas histórias, e permitia a todos navegar.



Figura 5. *Chega de noite tem uma ardentia no mar...* Bioluminescência causada pelo dinoflagelado Noctiluca. Pode ser a causa da noite de ardentia no mar vivenciada pelo seu Manoel. Fonte: <http://cienciaecuriosidade.wordpress.com/2009/08/27/voce-ja-ouviu-falar-em-mar-luminoso/>

Dias de mar arruinado

Ao chegar à casa de seu Elias já passam das 14:00h... Chego no horário, tentando não me atrasar... Nem poderia... Hoje seu Elias havia prometido me contar causos que já havia passado no mar... Não iria perder de jeito nenhum!

Cheguei cansada, fui de bicicleta pela estrada, pois naquele horário, a maré estava cheia e eu não tinha como passar pela praia. Sorte minha que ainda não estávamos no verão e o sol não latejava na cabeça. Na estrada o sol parece ainda mais quente a irradiar-se pelo chão.

Assim que me anuncio no portão, seu Elias abana pela janela me convidando a entrar. Apoio a bicicleta na grade do lado de fora e me aprumo para o lado de dentro. Seu Elias já me aguarda no jardim e me convida a sentar num banquinho simpático, perto de uma de suas gaiolas com canários. Seu Elias oferece-me água e senta-se ao meu lado. Aceito agradecidamente a água e começamos a prostrar.

Começa contando que, além de pescar na baía, pesca também fora dela, indo até a Barra do Saí. Suas pescarias não são muito longe da costa, mas nem por isso menos aventureiras. Já passou dificuldade no mar. *Por duas vezes eu já ia perdendo a vida...*, lembra seu Elias ao contar-me sobre os perigos que passou no mar. Diz ele que sabe nadar um pouco, que foi a vida que o ensinou e, assim, conseguiu se safar da morte... Em dias de mar arruinado!

Seu Elias acorda cedo, madrugada, prepara os materiais da pesca e vai pro mar. Volta sempre pelo início da tarde, final da manhã. Ele sai para pescar quase que de frente a sua casa, nas bordas da baía. A noite anterior anunciava que o mar estaria ruim, os ventos estavam fortes e o mar mexido. O dia amanheceu e seu Elias insistiu em sair para pescar. Ele iria arrastar camarão lá para os lados da Barra do Saí. Saiu para pescar sozinho naquele dia, hábito comum.

Naquele dia o mar tava ruim, ninguém havia saído para pescar, mas seu Elias decidiu arriscar. Ele acreditava que quando o tempo arruinava-se tinha pescaria, pois vinha camarão e, quando o tempo melhorava havia muitas embarcações, muita gente tentando pescar, a concorrência aumentava. Com o tempo ruim, não. Então, ele sempre procurava sair nessas horas que tem pouco pescador, mas que acabava sendo mais perigoso... E foi aí que ele perigou.

A barra, o encontro do rio e do mar, projetava-se bruscamente, o Saí-Mirim se agigantava. O mar foi ficando cada vez mais grosso com ondas altas e ventos uivantes. O barco balançava nervosamente. Num desses balanços, uma série de ondas mais altas acabou por emborcar o barco. Seu Elias caiu... Imergiu nas águas e foi arremessado contra as ondas, furiosamente. Sentiu seu corpo solto, pesado, lutando contra uma força da qual desconhecia. Quanto mais nadava para alcançar a praia, mais o repuxo da maré puxava, como a engoli-lo.

Por um instante, parou... Já não conseguia vencer a correnteza. Estava exausto. Ficou por instantes boiando... Quando chegou na quebração, a arrebentação batia-lhe o corpo já fraco de lutar: *Vi a morte nos olhos! Não tive mais esperança em nada.* Quando já estava desfalecendo, viu de relance uma onda muito forte e alta vindo em sua direção. A onda tinha uns 10 metros, acertou-lhe em cheio e o fez perder os sentidos. No turbilhão da onda, seu Elias foi arrastado para a praia, jogado contra a areia. Só sentiu o choque brusco que levara. Desacordado, cuspidado para a praia pelo mar, seu Elias só deu de acordo de si mais tarde, quando dois amigos, que foram avisados do acontecido tentavam animá-lo, sacudindo-o.

Seu Elias perdeu o barco, a pescaria do dia e quase a vida. Deu sorte de naquele dia de mar arruinado, uma japonesa ter decidido pescar na Barra do Saí. Ela pescava robalo de caniço da beira da praia, quando avistou a embarcação de Seu Elias virando. Mais que rapidamente, ela recolheu seu material e saiu à procura de ajuda. Para seu Elias só há uma explicação para ele estar vivo: *Foi a mão de Deus que me carregou naquele dia...*

Não só naquele dia... Teve também o sufoco que passou, com seu filho, na baía... Pescando em mais um dia de mar arruinado.

Eles saíram para pescar à tarde, por volta das 14:00h. Foram pescar na baía, uma vez que o mar tava agitado e ali conseguia se encontrar certa

calmaria. A tarde tinha sido até produtiva e eles conseguiram pescar alguns peixes. Por volta das 17:00h, seu Elias ouviu uns rancos estranhos no motor, ao levantar-se para atravessar de onde estava do lado do motor para a popa, acabou por bater numa peça do motor. A embarcação era muito pequena e essa batida no motor acabou engasgando o motor. Tentou rapidamente retornar à praia, no entanto, já era tarde... Sucessivos engasgos no motor anunciavam seu fim. Ele havia pifado.

A noite caía e já não havia nada que pai e filho pudessem fazer. Acenavam para algumas embarcações que passavam ao longe. No entanto, quanto mais a noite chegava, mais o mar agitava-se e era impossível de se perceber a pequena canoa num mar tão inquieto.

Para piorar, a maré era de lua e estava bastante forçosa àquela noite, carregando-os à força em direção ao canal da baía. O canal é um local perigoso na baía, tem uma profundidade de 20, 25 metros, por onde passam embarcações maiores e mais pesadas, como navios, que sem perceber uma pequena canoa, atropelam-na.

A tensão na pequena embarcação aumentava, mais uma vez seu Elias pedia ajuda a Deus... Para que dessa vez Ele carregasse pai e filho em segurança. A espera foi longa, e a cada momento o mar tornava-se bravio. Ondas maiores já quebravam dentro da canoa, levando a água da popa à proa. A coisa estava ficando feia e perigosa.

Por mais que esgotassem a canoa com balde, pai, filho e peixes ficavam boiando dentro dela. Eles ficaram presos no canal até as 04:00h. A correnteza que era de vazante, passou a ser de enchente e então foram surpreendidos com uma calmaria. Uma velha lona foi usada de vela e ambos remaram até chegar à praia.

De todo o tempo que ficaram presos no canal, nenhuma embarcação passou. Quando se afastaram cerca de 1000m avistaram ao longe um navio

que adentrava à baía e pensaram que se lá ainda estivessem, teria sido a perdição. E assim, mais uma vez seu Elias agradeceu o que para ele, foi a mão que lhe fora estendida.

A conversa estava boa e cheia de aventuras, mas já passavam das 18:00h e eu tinha que me despedir de seu Elias. Prometi que voltava noutro dia para conversarmos mais. Naquele horário, a maré estava no pico da baixa e eu poderia voltar de bicicleta pela praia, aproveitando o longo caminho que tinha pela frente. Com a maré de lua⁶, pude aproveitar a delícia de pedalar na praia num dia ameno e de lindo pôr-do-sol. A todo o momento relembrava o relato do seu Elias e inúmeros sentimentos me inundavam. Olhava para o mar e sentia quanta beleza, poder e mistérios ele carrega. Estava extasiada.

Surra da Miraguaia

Fazia um tempo que dona Tereza não saía para pescar com o marido. Os afazeres domésticos haviam lhe consumido nos últimos dias. Andava às voltas com muitas coisas a perturbar-lhe a mente. Mas naquela noite avisou o marido: *Amanhã saio junto... Tô precisando espairecer.*

Decisão tomada... Madrugou. Não eram nem 04:00h quando dona Tereza já tomava o café e cutucava seu Elias para sair da cama. Preparou um lanche para levar e sentou-se no sofá à espera do marido. Seu Elias já tinha preparado o material na noite anterior, separou o espinhel, os anzóis e algumas redes, com o conjunto da pesca pronta trataram de se adiantar.

⁶ Maré de Lua faz referência às marés de lua cheia ou lua nova, onde a amplitude da maré varia bastante e conforme o lugar. Já em lua crescente e minguante a variação de maré é pequena e é chamada de maré de quadratura.

O barco já estava na beira da baía a esperar, ainda estava escuro quando eles soltaram as amarras da embarcação. Pularam para o barco e lá se foram mar adentro. A baía estava quieta e ainda adormecia em nuances azuladas. As águas calmas refletiam um alvorecer silencioso... Aos poucos o dia acordava, numa manhã clara de inverno.

Dona Tereza não tinha a virtuosa paciência pesqueira, mas em compensação era animada e disposta. Sempre quando iam pescar e de início já enchiam uma rede, dona Tereza se empolgava e insistia com o marido que ficassem um pouco mais. Seu Elias, pescador de longa data, reclamava que a maré boa já tinha passado e que não iriam pegar mais nada, que estava na hora de partir. Em outras vezes, no entanto, passavam quase uma manhã inteira pescando e não pegavam nada... Dona Tereza reclamava dizendo que queria ir para casa. Novamente, seu Elias lhe explicava que a maré iria mudar e, então, pegariam alguma coisa.

Naquele dia seu Elias e dona Tereza iam pescar pra fora da baía, queriam pegar os peixes grandes. Enquanto seu Elias montava o espinhel, dona Tereza direcionava o barco. E ali ficaram a esperar os peixes graúdos que prometiam aparecer.

Dona Tereza se escorara na borda do barco e olhava a baía ao longe, as silhuetas das ilhas, os vôos rasantes das gaivotas... A mente se perdia em pensamentos, imagens, lembranças. Era bom demais estar embarcada... Ali ninguém lhe incomodava. Nada podia lhe atingir. Os problemas ficaram em terra, junto com os afazeres domésticos.

Distraída, dona Tereza não percebeu uma sombra negra que passava ao seu lado. O monstro marinho serpenteava a embarcação. Ainda com o olhar ao longe, dona Tereza perdia-se num universo particular. Sentada de lado, a olhar o reflexo das águas foi surpreendida pelo monstro, uma Miraguaia robusta com quase 2 metros de comprimento. Num mergulho

impetuoso a miraguaia aproximou-se de dona Tereza, rabeando-lhe água no rosto. O susto foi tão grande e surpreendente que dona Tereza quase se juntou à Miraguaia numa queda na água. Molhada da cabeça aos pés, dona Tereza viu o peixe indo embora com a boca larga, quase a alcançar os olhos, como se estivesse a rir do seu estado.

Seu Elias que acompanhara tudo do outro lado da embarcação ria junto com a miraguaia e prometera a dona Tereza: *Deixe estar, Tereza que eu volto pra pegá-la.*

E como prometido, dias depois seu Elias foi atrás do peixe. Não deu outra, a miraguaia virou almoço de domingo e foto na estante da sala.



Figura 6. Foto da estante: seu Elias e a miragaia. Fonte: Foto tirada da foto que seu Elias tem em sua casa - arquivo pessoal do seu Elias.

Mulheres que puxam redes

A manhã era de inverno e daqueles rigorosos. Inverno que era a cara da tainha... Êta bicho pra gostar de frio... Mas a época do bicho é a época do bicho... É a safra do mar, não dá pra perder!

E pra não perder, os homens saíram cedo, pois de longe viram as bravas tainhas a saltar. Dona Mariquinha e dona Maria Helena ficaram na praia vendo os homens vencerem a arrebentação em direção ao cardume. Lá da praia conversavam e oravam para que tudo desse certo. As ondas estavam mais altas, mas tinham certeza que tudo se encaminharia bem.

Passado um tempo, seu Kalanga e seu Zequinha com outros companheiros de pesca conseguiram cercar o cardume e atirar-lhes a malha de náilon. As tainhas debatiam-se vorazmente, tentando escapar do emalhe da rede. Do barco, os pescadores podiam ver o povo que se ajuntava para ajudar a puxar a rede. Mulheres e jovens faziam força também. As tainhas são bravas e briguentas e não se dão a qualquer um. E assim, com força no braço trouxeram o cardume pra praia. Todos reunidos, a rede cheia de tainha, começou a divisão. Porque em pesca de tainha é regra: ajudou a puxar a rede da praia, leva pelo menos uma pra casa. E assim o povo se dispersou, carregando a tainha a tiracolo.

Os pescadores repartem entre si a maior quantidade de peixe e seguem seus rumos. Dona Mariquinha e dona Maria Helena, além de ajudar a puxar a rede, vão agora limpar e preparar as tainhas para vender.

Dona Mariquinha não participa só da pesca da tainha, puxando rede da praia, por vezes já embarcou com seu marido para pescar no mar: *É a coisa mais linda... Puxar a rede que vem o peixe!* Recorda das pescarias.

Pra falar da cunhada, dona Maria Helena enche a boca: *Ela conhece os peixes no mar que nem os homens... A gente vê aquela escuridão de peixe... Ela não, ela tem experiência com os peixes no mar. Ela já sabe.*

Dona Maria Helena nunca embarcou, mas desde menina participava dos preparos da pesca, fazendo tarrafa, rede, puçá⁷.

As duas além de cunhadas são vizinhas e sempre limpam o pescado na varanda de dona Mariquinha. Lá passam as horas a descascar camarão, fazer filé de linguado, filé de robalo, filé de mistura⁸, limpar pescadinha... Estão

⁷ Puçá é uma armadilha, em formato de coador, muito utilizada para pegar siri, camarão ou até mesmo peixe.

⁸ A *mistura* é feita de várias espécies de peixes pequenos. Os pescadores fazem filé e os vendem misturados.

sempre envolvidas com a pesca, são pescadoras com orgulho e carteirinha...
E ainda são mãe, filha, esposa, guardadoras do lar...

Filha da Baía

A barriga já lhe pesava o ventre, o andar era arrastado e evitado a todo o momento, o calor lhe inchava as pernas e pés, sentia-se prestes a estourar... Era o nono mês que chegara, dentro de instantes haveria mais uma criança em casa, já povoada por tantas outras.

Dona América sempre tivera os filhos em São Francisco, pois na época não havia jeito de tê-los em Itapoá. E assim, ao final de cada gravidez, ela pegava carona em canoas ou barcos para parir do outro lado da baía. Foram assim com as inúmeras gestações anteriores, a não ser pelos mais velhos que vieram ao mundo pelas mãos da parteira que morava longe.

Como que prevendo o que lhe esperava o dia, dona América já amanheceu cansada, o corpo miúdo e frágil reclamava as dores do transporte materno. Mas o dia inteiro ainda lhe esperava: tinha peixes para limpar, crianças para cuidar, roçado para mexer. Descansava as pernas nos intervalos entre suas variadas tarefas.

Fazia calor, embora o dia estivesse encoberto, o que era um alívio para dona América, ao menos não tinha o sol a torrar-lhe a cabeça. Cumprira todas as suas atividades com êxito, já passava das 17:00h quando terminava de arrancar as plantas daninhas que teimavam em aparecer no seu roçado. Ficava curvada por mais de hora a capar o mato, o que veio a trazer-lhe arrependimento ao levantar-se. Sentia seu corpo moído e já não conseguia

perceber se eram dores da gravidez ou do dia intenso de trabalho. Lavou-se e foi descansar.

Mal dormira e, como num susto, acordara com as primeiras pontadas anunciando que a gestação chegara ao fim. Mais que depressa, chamou pelo marido e anunciou-lhe o ocorrido. Em instantes seu João saiu em busca de um barco que pudesse atravessá-los à baía.

Naquela época, seu João não tinha embarcação, sua pescaria era feita da praia, com linha ou tarrafa. Já andava procurando um amigo que pudesse levar ele e sua esposa à maternidade em São Francisco.

A noite chegara num repente e a mudança de lua já se fazia perceber no céu. A lua estava redonda, cheia e gritava em raios luminosos. A baía resplandecia em claridade e beleza. A pequena canoa que carregava seu João e dona América perdia-se ao longe, misturada ao brilho da lua e a escuridão do horizonte.

Na canoa pequenina, dona América contorcia-se a cada contração. As dores só faziam aumentar. A viagem até São Francisco apenas iniciara e dona América já previra que não iria alcançar o outro lado a tempo de dar à luz.

Tentou segurar o máximo que pode, mas pelo jeito a criança era apressada e a viagem longa. Sabia que não iria aguentar. Acomodara-se tentando não desfalecer e numa contração mais longa e duradoura sentiu que havia chegado a hora.

Em instantes já era possível ver a cabeçinha da criança coroando ao brilho do luar. E assim foi... Tendo a lua como madrinha, dona América deu à luz no mar, em águas surpreendentemente calmas e tranquilas, como presente à menina que acabara de chegar.

A canoa regressou a Itapoá, pois já não havia mais nada a fazer em São Francisco. A parteira foi chamada, levou dona América para sua casa e cortou o cordão que ligava mãe e filha.

Seu João ficou a olhar a baía como a agradecer-lhe a calmaria. Num piscar de olhos, mirou a canoa e seu nome reluzia fracamente a uma já distante lua. O nome da canoa tocou o coração de seu João que ficou a repetir: *Nova Pátria... Nova Pátria... Ela vai se chamar Patrícia!* E foi-se embora, feliz por botar na filha a mistura do nome da canoa.

Contos dos antigos

Pesca da baleia

... Afirma-se que em 1954 "uma empresa" foi criada em Imbituba para a "pesca e processamento de baleias", cujo propósito primário era a produção de óleo; a companhia não obteve sucesso, encerrando suas atividades em 1963; afirma-se ainda que daí em diante a captura era oportunística; era rara; que uma ou duas baleias por ano foram capturadas até agosto de 1973 quando a última baleia foi morta. Entre 1954 e 1963, enquanto a empresa funcionava, a caça da baleia era feita com uma embarcação de 36 pés de comprimento e um pequeno canhão (arpão) instalado na proa.

A caça de baleias acontecia próximo a Imbituba e Garopaba. Começava usualmente em agosto, quando as baleias vindas do Sul aproximavam-se da costa, e terminava em setembro ou outubro, quando o último grupo transitava na área, retornando das áreas ao Norte.

Após 1963 um grupo de pescadores, ainda segundo o relatório, começou a matar baleias a partir de pequenas lanchas usando um arpão tosco, de ferro e madeira, carregado de dinamite. Como tal operação era perigosa e raramente bem sucedida, poucas baleias foram mortas até 1973, quando as atividades baleeiras cessaram... (PALAZZO JR e CARTER, 1983, p. 22)

Quando era moço seu Manoel avistava baleias da praia. Elas surgiam aos montes, umas 30, 40. Era tanta que ele perdia as contas, mas gostava de vê-las *berrar*⁹ soltando jatos de água. Sempre que via as baleias soltando água, sua mãe lhe avisava que o tempo iria se arruinar, viria vento sueste. Como de fato ele podia comprovar.

Seu Manuel tinha por volta dos 26 anos quando apareceu por lá um senhor conhecido por Antônio Cartola. Ele vinha de Imbituba e soubera da enorme quantidade de baleias que tinham naquela região, e estava por ali para matá-las.

Naquela época as baleias eram mortas para se retirar o óleo delas, mas carne não era consumida. O povo de Itapoá não era muito de matar baleias, técnica inclusive que exigia preparo e muita coragem.

No dia em que iam caçar as baleias, era de manhã e o tempo estava calmo e ameno, o inverno findava e a primavera anunciava-se lentamente. Chegando à praia já se avistava o baleal. Seu Cartola, mais que depressa rumou para o mar com seu pequeno barco. O povo ficou da praia espiando... Olhando de longe os bichos *berrar*. Seu Cartola escolhia a baleia e chegava de mansinho perto dela. Encostava o barco bem pertinho, o suficiente para que ele pudesse apoiar o pé no lombo dela. Uma vez em cima era rápido e rasteiro. Mirava na nuca e lançava sem dó o arpão... Era certo. O arpão era rústico com dinamite dentro. Uma vez o arpão enfiado, pulava de volta para o barco, ia para a praia, queimava o estopim e aguardava a explosão.

Matou três desse jeito. Depois de estourado o arpão, levava de dois ou três dias para a baleia dar na praia, primeiro ela ia para o fundo e depois

⁹ Seu Manoel chama de *berrar* a respiração das baleias, quando lança um jato de água.

já aparecia morta na areia. Quando chegava na praia era uma trabalhadora limpar. O povo se juntava e ia ajudar a limpar a baleia. Para a limpeza, o pessoal tinha que andar dentro da baleia carregando os pedaços... Seu Manoel ajudou a limpar as três. Encheram vários tambores de óleos que fora levado dali de caminhão.

Os dias se passaram e seu Cartola foi embora, matar baleias em outro lugar. A comunidade voltou à rotina, aos seus afazeres. Baleias agora, só no *berro* ao longe, para anunciar o mau tempo.

O tempo é dos antigos... Avós, tios e pais de seu Elias. Naquela época seu Elias, hoje com 66 anos, era guri pequeno ainda a iniciar-se nas artes da pesca. Mas os contos do seu pai e tio, encafifava sua mente... Até hoje guarda recordações sobre a pesca da baleia. Por ser menino pequeno, não viu, não participou dos preparativos... Mas a sua imaginação criou cenas do que deveria ser um grande duelo: Homem versus Baleia. Nunca soube de haver caça às baleias em Itapoá, mas afirma que lá para os lados de Florianópolis, Armação, havia de ter com certeza.

Quando era moço conseguiu trabalho numa empresa de pesca e ficou um tempo embarcado pescando. Havia uns dias que ele estava no barco. Quando embarcado em navios pesqueiros grandes, os pescadores tendem a ficar semanas no mar, em busca dos grandes e valiosos peixes.

O dia no barco havia amanhecido acizentado, fazia frio e os ventos estavam fortes. Tendo acesso à previsão do tempo, a embarcação na qual seu Elias estava decidiu se abrigar. Eles estavam em alto mar, próximo da costa norte do Paraná. Sendo assim, procuraram se abrigar em alguma baía

ou ilha daquela região. Aportaram então na Ilha Bom Abrigo¹⁰, ótima para abrigar-se do mau tempo.

Parados na ilha, seu Elias avistou ao longe uma estrutura parecida com uma antiga estação baleeira. Nunca havia visto uma, porém os relatos dos antigos vieram à tona nesse momento. Não tinha dúvidas. Armada nas pedras, havia o que parecia ser um forno, e ao lado dele, seguia uma calha de cimento que devia servir para o escoamento do óleo processado da baleia.

A estrutura já se escondia aos poucos na mata que se fechava... Mas seu Elias sentia como se estivesse vivendo aquelas cenas. Mas as memórias não eram suas, eram-lhes emprestadas, doadas nos relatos do pai, tio e avô. Naquele instante a memória do seu pai cristalizou-se a sua frente, a explicar-lhe sobre como acontecia a pesca da baleia.

Em seguida, em sua mente, o pescador de baleias já tomava formas. Carregava em uma das mãos, um arpão tosco cheio de bomba dentro. Valente, audaz, o pescador saltou ferozmente em cima da baleia, caminhou-lhe como se fosse uma ponte... Já bem perto da cabeça cravou-lhe a sua morte. O pescador voltou rapidamente ao barco acendeu o estopim e foi embora. Seu Elias agora se via viajando no barco com o pescador, a esperar a baleia dar na areia. Mas a todo instante olhava para trás a imaginar os lamentos da baleia que aos poucos era sugada pelo mar. Uma vez na praia, ela seria destruída para que sua banha, seu toucinho fossem queimados até tornarem-se óleo.

¹⁰ "Famosa ilha para os navegantes, possui como o nome sugere um bom local para abrigar-se do mau tempo em uma pequena enseada localizada em seu lado oeste. Ali, encontram-se muitos barcos de pesca da região que pernoitam no local. Há um farol de alcance de 23 milhas em seu cume. Tem bom fundo de areia para ancoragem. Possui cobertura de mata atlântica alternada com gramíneas e fauna abundante. No lado norte há um rio de águas limpas e bem próximo dele há uma antiga estação baleeira com a sua infra-estrutura já tomada pela mata muito interessante de visitar-se. Fica a 4 milhas da barra de Cananéia e a 1,7 milha do nordeste da Ilha do Cardoso. Coordenadas: S 25 07,123 W 47 51,663"

Fonte: <http://www.madeincuritiba.com.br/musashi/costeiras.htm>

Agora a chuva já caía... Pingos grossos marcavam o rosto do seu Elias, que já molhado pela forte chuva, acordava daquilo que parecia ser um sonho, um encontro com os antigos. Sorriu sozinho, a imagem do pai sumindo aos poucos da mente. Cansado, foi dormir. Sentia que agora sim... Agora havia participado dos preparativos.

Bambu pra camarão

O pai de seu Lelé pegava muito camarão. Na época o camarão era pego com tarrafa, e de longe podia vê-los aos montes pulando quando a tarrafa era puxada. Devia ter por volta dos 10 anos quando seu Lelé ia para a praia com os amigos para pegar camarão com bambu. Só de olhar para a água, notavam-se os aglomerados de camarões.

Era final de tarde e a molecada já se juntava para cercar camarão. Por vezes iam pela manhã também. Tinha tanto camarão que era possível, somente com batidas na água, cercá-los e fazê-los pular para dentro dos baldes. A gurizada se amontoava na beirada do mar com baldes em punho. Seu Lelé levava na mão o galinho de pau, feito de bambu, que iria intimidar os camarões.

Com água nos joelhos, seu Lelé ia pulando e espantando os camarões em direção aos baldinhos que ficavam carregados do bicho. Era uma festa!

Com os baldinhos ancorados na mão iam embora felizes, para entregar a pescaria aos pais. Tão grande era a quantidade de camarão que era impossível consumir tudo de vez. O ideal era vender... Mas não tinham para quem vender. Não tinha luz, não tinha transporte, não tinha gelo. O jeito então era secar. Assim, os camarões eram cozidos, salgados e postos na esteira para secar. Secos durariam mais.

Admito que fiquei ressabiada... Pegar camarão com batidinhas na água? Achei não ter transparecido, mas seu Lelé notou... Desviando o olhar da baía, exclamou: *Da falta que ta hoje, parece mentira eu te contar essa história, né?*

É seu Lelé... Parece mentira.

O dia amanheceu radiante, o sol desde cedo fazia questão de exibir-se. Estava no suor da caminhada, num banho de mar refrescante, num boné para não cegar as vistas. A baía parecia retrato... Estática. O vento nem assobiava por aquelas bandas.

Seu Elias saiu para pescar cedinho e por volta do meio-dia, do sol escaldante, voltou pra casa... A rede estava à míngua, ralos eram os camarões emalhados. Chegou em casa, tomou uma ducha, que o sol estava de lascar. Almoçou e tirou a sesta.

Já passava das 16:00h quando seu Elias resolveu dar uma caminhada pela baía. O sol ainda estava alto, mas já não ardia mais. Estava sozinho, a perambular e pensar. Olhava pras águas como a pedir respostas: *Por que o camarão está tão mirrado? Já não pego mais nada!*

Caminhava e olhava as leves marolas que se formavam na beirada. Lembrou-se do seu avô. Velho astuto que sempre tinha histórias pra contar. Ao pensar no camarão, lembrou-se da tal pescaria de bambu que seu avô e seu pai faziam. Era uma farral!

Bastava 10, 15 minutos e se enchiam de camarão. 50-60 kg eram tirados de uma só vez. E isso tudo sem material de pesca! Certa vez inventaram de cortar um pé de bambu com as galhadas, foram para uma

parte baixa da baía, que faz um pouco de fundo e vieram arrastando com o bambu os camarões até a beira. Já na areia, os bichos não tinham pra onde correr, dali então, iam direto pro balde. Não precisava tarrafa, não precisava rede, não precisava de nada. Os olhos do seu Elias perdiam-se na baía a imaginar o pai arrastando o camarão, via a cara de felicidade dele ao encher os baldes com o bicho.

Tempos passados, tempos remotos... Seu Elias deu mais uma olhada para a baía, despediu-se mentalmente do pai, que na sua imaginação ainda continuava a arrastar os camarões com bambu, e resignado seguiu para casa, pois a noite chegava e amanhã iria acordar mais cedo ainda, para compensar o dia de hoje. Sentiu falta de ter vivido a pesca de bambu.

Parte 2. Conversas

Mirrada pescaria

A tarde findava e os homens iam chegando para colocar o papo em dia. Fazia um tempo que não conversavam. Combinaram de se encontrar no galpão das canoas do seu Kalanga. As conversas eram gostosas e se arrastavam pelo resto do dia. Assunto não faltava, comentavam sobre a pescaria da manhã, da falta de peixe, da graúda miraguaia que alguém pescou ou do mirrado camarão, que já nem enchia mais os baldes. Eram desabafos e risadas, mistura das histórias do mar e da terra.

As conversas se davam no galpão das canoas, pertinho da casa do seu Kalanga. No galpão ficam as canoas de seu Kalanga e do seu sogro, já falecido. Canoas de um pau só, umas sobre as outras, amontoadas sob a pequena cobertura do galpão. Do lado deste galpão, que é todo aberto, tem uma casinha de madeira usada de apoio e base para as pescarias. Por ali, sempre se encontra uma rede abarrotada, umas bóias soltas e caixas largas de plástico para acomodar o pescado.

O cenário era uma mistura de bucólico, belo e desordenado e ainda dava às vistas para o comecinho da baía da Babbitonga, onde muitos deles saiam para pescar. Outros pescavam na baía e também fora dela, passando por Itapema e indo até a Barra do Saí.

Por vezes, eles se reúnem e deixam as horas passar com conversas dos tempos passados, das pescarias de menino, dos balaios cheios, dos contos dos antigos. Mas por esses dias a pesca tinha sido pouca.

- *Antes tinha mais camarão!* - Anunciava seu Manoel, assim que chegara ao galpão.

Seu Manoel é pescador antigo, já viu até a pesca da baleia. E pelos anos que tem e a experiência no mar, ele nos avisa:

- Tenho certeza, há anos atrás tinha mais e não eram tão mirradinhos não. *Cê não acha não Elias?*

- *Eta... Tinha camarão aí que era a coisa mais linda. Já tive camarão de 150g cada um. Hoje a pesca não dá mais nada.*

- *Também, o pessoal vem lá do sul, com as traineiras, com o tal do sonar.* - Completa seu João a querer inteirar-se na conversa. E continua:

- *É sonar que chama, que conta que o peixe tá no fundo, né?*

- *É... Esse é o nome do aparelho... Tinha nos barcos da empresa lá de Santos que trabalhei, embarcado. Trabalhei por 11 dias embarcado... Eram dois barcos, e cada barco levava cinco pescadores. O trabalho era puxado e os dois barcos trabalhavam ao mesmo tempo, formando uma parelha e assim, quando carregava, carregava os dois barcos. Enquanto um virava um lance, o outro já largava a rede. Sempre juntinho. A gente aprende um bocado lá. Eu gostei muito.* - Confirma seu Kalanga, mostrando que já vira o tal do sonar.

- *Pois então, daí é cercado na certa. Matam 3, 4 toneladas numa vez só. Vai se comparar com uma pescaria de linha? A pescaria agora desenvolveu muito, mais de 100%. Antigamente tinha muito mais peixe, mas o aparelho era pouco, era a mesma coisa que tivesse pouco peixe. Não tinha aparelho pra matar. De linha lá fora, o peixe pega se quiser... Na rede não, vêm à força.* - Resmungou seu João.

- *A nossa pescaria é artesanal, depende do que vamos pescar. Por exemplo, eu comecei a trabalhar com canoa, tarrafa e rede de praia. Hoje já tenho barco a motor, rede pra pescar camarão lá fora, rede de emalhe para botar no mar, rede de fundeio... Então, já começou a mudar, né?* - Sugere seu Lelé, que acabara de adentrar o rancho, mas ouvira parte da conversa, enquanto chegava.

- Mas ó, comparado há 20, 25 anos atrás, não tem 1/3 do peixe que pegávamos antes. Diminuiu bastante. - Afirma seu Zequinha, como querendo concordar com seu Manoel.

E continua, também dando razões para o seu Lelé:

- Tá certo que a nossa pescaria é aqui na baía mesmo, não vamo muito para fora. Vamo de manhã e voltamo de tarde. Ficamo mais de arrastar o camarão na costa mesmo.

- Pois é, eu já pesquei muito com barco a motor, mas quando eu era novo o negócio era só remo e vela... Ia no braço forte e com o vento que Deus mandava. E tinha aquela destreza também: a gente olhava pra lua e sabia que vento ia dar. E a gente viajava mais com o tempo, pra lá e pra cá. Ia com o nordeste e voltava com o Sueste. Sempre de remo, dava um jeito, né? - Relembra seu Lelé, como quem ainda sentisse o nordestão¹¹ bater-lhe no rosto.

- É verdade, bem me lembro... Saía na barra e ia pro mar grosso de remo e vela, não existia motor. Sempre dependendo do vento... Se fosse pro sul, tinha que ter vento do norte; e pra vir do sul pro norte, tinha que ter vento do sul. Hoje pesco com tarrafa, espinhel, tudo tipo de rede, covó, rede de espera. Mas nunca pesquei com rede de arrasto. E hoje em dia mesmo, pesco mais é no rio, no mar não pesco mais não... Já to cansado. - Refletiu seu Manuel, num lampejo de memórias.

- Tem mais pescador que pescam por aparelhos do que por conhecimento. Eles têm sonar, radar, sonda... Um bocado de coisa. Eles vão com o barco correndo e os aparelhos tudo ligado. Aonde acusa que ta o peixe eles param e fazem a pescaria. Com a gente é diferente... Às vezes a gente sai às 15:00h ou às 16:00h, retorna só às 01:00h e não pescou o suficiente para pagar o combustível que gastou. Isso aí é uma coisa que eu

¹¹ Diz-se do vento nordeste que nas praias do sul do Brasil é um vento forte e carregado.

não concordo. Tenho 50 e poucos anos de pesca e eu não concordo com esse tipo de pescaria. Não é por eu ser pescador pobre, eu pesco, mas já tenho a minha aposentadoria... Mas muitos dependem só da pesca. Se dá um mês de tempestade e tempo ruim, eles passam mal. Não tem jeito de pagar uma luz, água ou fazer um fornecimento. Não tem jeito de nada! - Respondia indignado seu Elias.

- Pois é o que falo: O pescador de hoje não é mais aquele pescador artista. Nós fazíamos a rede, nós fazíamos o barco. A canoa nossa era feita aqui. Hoje a empresa faz o barco, fazem o que querem. Disse seu Lelé, já um pouco irritado.

O pessoal calou-se por alguns instantes como que a refletir sobre a conversa. Os olhos se perdiam ao longo da baía e o silêncio dominava a noite.

Já passava das 20:00h quando dona Anair, esposa de seu Lelé, abanou para o marido, avisando-lhe que o jantar tava pronto. E assim, dispersaram-se... Uns foram para casa, outros se reuniram em novos grupos, e tinham aqueles que ainda iriam se encontrar mais tarde para olhar a lua, sentir o vento e imaginar como o tempo lhes esperaria amanhã...



Figura 7. Barracão do seu Kalanga e as canoas de um pau só

Materialidades



Figura 8. Peixaria do seu Lelé

Em letras tortas, a frase mistura-se aos peixes, polvos, crustáceos e outros seres marinhos não identificados, desenhados na parede. Em alguns ângulos chega a se esconder, como não querendo ser verdade. Mas está lá, estampada na peixaria do seu Lelé:

VENDO ESTA PROPRIEDADE

E assim, disforme, nos confunde, parecendo estar à venda outra propriedade que não ESTA. Pois ESTA está pequena... Querendo quase apagar, querendo não estar ali.

- Aquele que oferecer o que estamos pedindo, leva. Quero ir embora daqui!

- Mas porque seu Lelé? Pergunto, querendo entender porque ele quer deixar um lugar tão lindo daqueles... Com vistas para a baía.

- Hoje a ganância tomou conta daqui. Por isso quero ir embora.

Senta-se e continua:

- No tempo que eu pescava, o homem tinha valor... Hoje em dia é a mentira que tem valor. Antigamente todo mundo se ajudava, nós éramos mais indígenas do que pescador. Nós vivíamos em companheirismo. Nós não tínhamos família, a família era todo mundo. Pois quando alguém queria fazer uma roça, puxar um barco, ou armar uma rede, não tinha só a família, tinha a vizinhança. Era companheirismo e educação misturados.

Suspiro...

- Hoje a ganância tomou conta daqui. Itapoá era tudo. Hoje o companheirismo e a educação sumiram.

- E pra onde o senhor quer ir?

Mais um suspiro... Olha longamente a baía e diz:

-Eu quero ir embora, mas quero ficar perto do mar. O mar é minha vida, é a coisa mais linda do mundo... Tudo o que tenho eu devo ao mar, tudo o que eu fazia tinha que ser pelo mar.

Passam-se as horas, o dia cai e as histórias continuam. Muitas são as histórias. Histórias do lugar, histórias da sua vida, histórias do seu tempo... Um tempo que agora lhe parece distante, como se tivesse ficado para trás. Solto, perdido. Tempos de outrora, tempos do hoje em dia. Conversas do lugar, bate-papos descontraídos. Lembranças.

Lembrança de uma bicicleta, já há muito guardada no galpão. Galpão esse que também guarda suas pescarias. Redes, bóias e anzóis, que dependuram-se uns sobre os outros numa canoa há tempos por ali esquecida.

Galpão escuro, fechado, cujas costas dão-se à baía. Baía que é o quintal de seu Lelé, abrigo do Lutador, valente barco que por muito tempo o acompanhou nessas calmas, falsas águas da baía. Lutador que já não existe mais... Fora vendido, apagado com tinta um nome que ainda hoje é lembrado pelo seu Lelé.

- *Seu Lelé, quem dá os nomes aos barcos?*

- *São os pescadores.*

- *Foi o senhor que escolheu o nome do teu barco?*

- *Não... O meu foi escolhido pela marinha. Deram o nome de Lutador...*

Por tudo que eu já fiz aqui nessa baía.

- *Me conta alguma coisa sobre o Lutador? Alguma história.*

Silêncio.

- *O senhor deve ter alguma história... Não é possível que o Lutador não tenha deixado lembranças! Me conta, seu Lelé.*

Silêncio.

Mais uma tentativa:

- *O senhor me disse que foi a marinha quem deu o nome de Lutador. O que o Lutador já fez?* - Tento convencê-lo com certa insistência.

Suspiros...

A mão passa à boca tentando calar. A voz emudece. A cabeça nega. Agora, as mãos já passam aos olhos, a enxugar as lágrimas incontidas. Lágrimas de lembranças, lágrimas de perdas.

Já não insisto mais.

Negar a perda? Negar as histórias? Negou-se a fala. Palavras perdidas.

Seu Lelé levanta, pede licença, alega ir ao banheiro. Perde-se por dentro da casa. Dona Anair, esposa de seu Lelé, chega de mansinho, senta ao meu lado e diz:

- Ele teve vários barcos... Sempre com o mesmo nome: Lutador.

Me ajeito para melhor escutá-la, Ela continua:

- Teve uma mulher que teve nenê no barco. De noite, às vezes, ele levantava para levar as mulheres para ter filho lá em São Francisco, porque por aqui não dava, não. Muitas vezes, ele levantou de madrugada para levar alguém que precisava ir a São Francisco. Dessa vez, ele não conseguiu chegar a tempo em São Francisco, e ela acabou tendo o nenê dentro do barco.

Seu Lelé reaparece na porta, caminha em nossa direção e senta novamente ao meu lado. Dona Anair se levanta e vai para casa lavar a louça que a espera na pia.

Ficamos em silêncio a olhar o fim de tarde na baía.

E no silêncio, eis que surge pequena confissão:

- Viveria tudo novamente só para provar aquele nome ali.

Lutador jaz no nome apagado, nos muitos barcos que foram de seu Lelé, mas deixa em sua memória as tristezas e alegrias por tudo aquilo que ele viveu.

Silêncio. Vazio.

VENDE-SE ESTA PROPRIEDADE.



Figura 9. Três momentos do Lutador - De cima para baixo: com seu Lelé e dona Anair, com o nome grafado e gasto; sozinho, já sem nome e pintado para venda; ausente.

Dona Anair é toda prosa... Suas conversas iniciam-se tímidas, alegando não ter muitas coisas a contar. Conversa vai, conversa vem e eis que ela me conta mais causos que o seu Lelé. Em suas conversas sempre deixava claro da dificuldade que era viver em Itapoá... Tudo era muito difícil. Contou-me da primeira casa que construíram, toda de madeira... Produto da pesca e trabalho de seu Lelé.

- Ele pescava dia e noite. Por vezes pescava de manhã, levava o peixe pra vender em São Francisco e a tarde continuava a pescar. E ainda ia de bicicleta na madrugada levar linguado e camarão até Guaratuba.

- De bicicleta dona Anair? Mas é longe...

- É longe, mas ele ia... Tudo o que nós temos conseguimos pela pesca. Eu ficava aqui cuidando da peixaria e limpando os peixes. Do jeito que nós trabalhamos... Éramos para estar bem de vida. Pra nem precisar ta com a porta da peixaria aberta.

Seu Lelé escuta a conversa de longe, com rabo de olho...

- Seu Lelé me conta a história dessa bicicleta...

Ele chega mais pra perto, senta-se do meu lado e resolve prosear:

- Não é que precisava... Fazia isso quem queria ganhar um dinheirinho extra, pra fazer alguma coisa, comprar uma roupa, ajeitar a casa... Essas coisas. Eu pescava, matava o camarão, quando não matava, comprava algum do meu cunhado, do meu primo e botava numa caixa e saía na bicicleta pela praia até Guaratuba pra vender... Fazia uma viagem assim quando pegava maré seca de manhã pra ir e a maré baixa pra vir. Porque não tinha estrada, era pela praia e com a maré cheia não dava pra ir.

Mas era gostoso, era minha vida... A praia e o mar era minha vida... Era bom, era gratificante!

Pequena pausa...

- Eu até hoje ainda tenho a bicicletinha... Quer ver?

- Quero... Respondo rapidamente pra ele não mudar de idéia.

Levantamo-nos e fomos até o galpão, onde guarda pendurada até hoje a bicicletinha. Ela não tem mais roda e parece bem marcada pelo tempo... No entanto, está lá, guardada como relíquia, como parte da pescaria, juntos com redes, bóias, anzóis e velhas pequenas canoas.

- Vou te contar bem a história dessa bicicleta: A primeira bicicleta minha... Eu tinha um radinho de pilha e troquei pela bicicleta. Dei o radinho de pilha e fiquei com a bicicleta. Mas a bicicleta era muito velhinha... Daí então, eu andava e ela quebrava. Mas com ela eu não ia para Guaratuba.

Daí quando eu tinha 19 anos eu comprei outra bicicleta... Eu comprei na Salfer, lá em São Francisco. Foi a primeira loja de bicicleta que chegou em São Francisco. Essa bicicleta, eu sei até o preço dela... Sabe quanto custou? Custou 120 conto, quer dizer mil-réis... Eu nem sei mais do dinheiro! Eu sei que eu pagava 12 mil-réis por mês, em 10 meses...

Ah... Mas essa bicicleta era o meu sonho...

Pode ver... Na praia, todo esse tempo, e o quadro dela ta aqui. Só se acabou o rodado... Que nem se acabou, foi a molecada que tirou daqui pra colocar em outra pra eles. Mas o paralama, o guidão... Até a corrente ta aqui.

Eu andava por aí... Eu passeava, eu paquerava, naquele tempo a gente era novo, namorava, saía pra lá pra Itapoá.

Mas isso era a minha vida!

E ficamos os dois ali, parados a olhar a bicicletinha... Eu a imaginar o seu Lelé quando moço a aventurar-se por aí e ele a perder-se em lembranças.

A pesca vicia

A vida na pesca inicia-se cedo, quando criança ainda. Começa-se como gajero¹², carregando o cesto e alguns petrechos da pescaria. Com o olhar longo e atento, o piá copia o trejeito do pai, o molejo do tio. Não há muita explicação, muita escola... Não é matéria que se aprende em livro. Aprende-se com os mais velhos, no olhar, no fazer, no tentar.

É acompanhando a lida do pai que se desenvolve na pescaria. Aprende a fazer tarrafa, rede, puçá ... E assim se cria, nas águas, no sol, na lida da pesca. Muitas vezes a necessidade é maior que a vontade ou oportunidade de tentar outro trabalho e então, tem na pesca destino certo. Mas uma vez capturado pela rede e balanço do mar torna-se difícil largá-lo.

Era manhã de quinta-feira e seu Elias chegou cedo da pescaria. As redes estavam cheias e o sorriso era largo e satisfeito. O dia tinha vingado, valido à pena. O céu estava claro, o sol ainda brilhava e a pescaria tinha sido boa. Tinha peixe para um mês. Poderia agora pagar a luz, a água, todas as contas atrasadas. Não cabia em si de felicidade.

Mesmo atônito de tanta alegria, avistou um amigo cuja pescaria não tinha sido muito boa e tratou logo de consolar:

- A pesca é que nem jogo, vicia. Você vai hoje, chega lá e não encontra nada, mas vai amanhã, já vem aquela grande peixada.

¹² De acordo com seu João, *gajero* eram aqueles que ajudavam os pecadores, por exemplo, os próprios filhos que ainda estavam por aprender a pescar.

- *Eu devia é ter procurado outro trabalho-*. Responde-lhe o amigo desgostoso da profissão.

- *Que nada! Pra mim não tem profissão melhor. Eu mesmo é que sou o responsável pelo meu trabalho.*

O rapaz deu de ombros e continuou a olhar a baía desanimado.

- *Não fique assim... Amanhã é outro dia. E tem mais, lembra que eu tentei trabalhar em outro serviço? Mudei até de cidade... Morei uns seis anos em Joinville, tentando trabalhar de funcionário... Mas não deu certo. É o vício da pesca. Lá em Joinville eu tinha casa, terreno, mas troquei tudo por uma pescaria velha e tratei logo de voltar pra cá, onde me criei... Queria era continuar na pesca.*

O rapaz continuou a fazer que não lhe ouvia. Seu Elias insistiu:

- *Só um dos meus filhos trabalha com a pesca. Ele por sinal tem até o apelido de Pirata... Porque não quis saber de outras coisas. Até foi pra Curitiba, tentou outros empregos, mas não teve jeito de largar da pesca. Já os meus outros filhos trabalham em Curitiba. Não adianta... Quando a pesca te escolhe, não tem jeito.*

O rapaz continuava na mesma melancolia e assim, como se não houvesse nada mais para ser dito, seu Elias tratou de recolher o seus peixes e despedir-se. O dia ainda ia ser longo, tinha muito peixe para tratar naquele dia. E lá deixou o amigo, pois ele precisava reconciliar-se com a baía, afinal, era ela quem lhe provia o pão, o sustento. Deixou-os a sós para que pudessem fazer as pazes.

Destino traçado pelas águas foi também o de seu Kalanga e o de seu Manoel que tentaram outros ofícios, outros lugares, mas acabaram voltando para pesca e para Itapoá.

Seu Kalanga sempre quis ser pescador, na escola era bom de matemática, mas ler era uma dificuldade, já a pescaria era diversão. O pai,

pescador, incentivava que os filhos tivessem outra profissão... Sabia das dificuldades daqueles que lidam com a pesca. Mas não teve jeito, a mesma paixão do pai deu-se nos filhos e assim, seu Kalanga e os irmãos viraram pescadores. Assistiam ao longe a habilidade do pai com as redes, com as linhas e no aprendendo a fazer tornaram-se homens do mar.

Seu Manoel é homem de muitos ofícios: faz barco, canoa, casa de madeira, gamela, coxim e remo. Arrisca-se como pintor e pedreiro, inclusive, já foi barbeiro nos tempos em que morou em Paranaguá. Homem de tantas artes e habilidades tem na pesca sua grande obra, sua satisfação.

Impelidos ao mar desde crianças, esses homens foram criados nas quebraças das ondas, nos desafios da pescaria, numa vida sem patrão. Numa imagem distorcida, os pequenos meninos, tornam-se homens do mar que inspiram suas vidas no vício e ofício da pesca.

Conversando com Hemingway¹³

A cerração chegou num repente e fechou o dia igual cortina, não se via um palmo na frente. Seu João tinha saído cedo e o tempo àquela hora parecia limpo e calmo. Naquele dia foi pescar sozinho, como muitas vezes costumava fazer. Levou consigo umas linhas, poucas redes, farinha, água e um caquinho¹⁴... Era tudo de que precisava para suas pescarias.

Saiu da baía e foi em direção a barra do Saí Mirim, queria se concentrar nos peixes maiores. Chegou na barra antes do amanhecer, mas a cortina espessa de neblina escondia o brilho da manhã. Seu João foi cercado

¹³ Uma conversa informal de velhos do mar, não poderia deixar de fora o velho de Hemingway. E assim, trago-o para a conversa, para que possa nos contar das suas experiências. Inspirado em *O velho e o mar* de Ernest Hemingway (1956)

¹⁴ Seu João chama de caco, caquinho um fogareirozinho que ele leva consigo quando vai pescar.

pelo nevoeiro, e rapidamente perdeu a direção. Aquietou-se na canoa, pensando em como escapar daquela massa cinzenta que amordaçava o dia.

Foi então que se lembrou que vira uma silhueta de ilha exibindo-se ao sul da praia; a imagem aparecera instantes antes de ser envolvido pelas nuvens. Mais que depressa, seu João tratou de direcionar a canoa para aquela direção. Feito isso só restava-lhe esperar.

O mar parecia lagoa, tamanha sua calma. Nada parecia mover-se, nem a neblina que o encobria. Seu João não tinha noção do tempo, do espaço e do que poderia lhe acontecer. Cansado de esperar, caiu em sono profundo.

A canoa que antes sacudia lentamente com as marolas, agora estava parada, estática. A falta de movimento mexeu com seu João que num piscar de olhos viu-se em terra firme. A canoa estava presa entre as pedras e a areia, o que explica a falta do sacolejo. O nevoeiro não sumira, estava um pouco mais leve.

Lentamente seu João saiu da canoa e foi ver o que havia naquele lugar. Não sabia direito onde estava, não reconhecia a ilha e as nuvens não deixavam ver ao longe. Sentia-se cansado e a barriga já lhe reclamava a espera. Levava consigo a água, a farinha e o caquinho. Preparou rapidamente uma *xiputinha*¹⁵, que havia de acalmar-lhe a fome.

Enquanto devorava sua mistura de água e farinha avistou uma fumaça que se perdia no nevoeiro. Sem pensar duas vezes foi ver do que se tratava. Com olhos aguçados ele ia ao encontro da fumaça, esperançoso de ser sua salvação.

Junto da fumaça estava sentado um senhor que aparentava ser mais velho que o seu João. E junto deste Velho estava um senhor cujo semblante não lhe era desconhecido. Seu João aproximou-se e entre uma nuvem e

¹⁵ *Xiputinha* é como seu João chama a mistura de água e farinha que ele fazia para se alimentar enquanto pescava no mar.

outra reconheceu um amigo de pescaria, seu Manoel, que sentava ao lado do Velho.

Contente por reconhecer seu Manoel, foi falar-lhe:

- Eita que bruscada de tempo. Fiquei um tempão perdido no mar. Até que vim dar por aqui e te encontrei. Que ilha é essa?

- Opa João! Tempo arruinado esse, né? Ainda não sei se é uma ilha ou qualquer coisa assim, não consegui ver além daqui... Quanto mais adentro, mais grosso se torna o nevoeiro.

- E esse senhor, quem é? É conhecido?

- Só se for conhecido da neblina, pois nunca bati com ele nessa baía. Mas desde que vim parar por aqui, para me proteger do nevoeiro, ele está ali com olhos vidrados ao longe e não pára de repetir: "Fui longe demais... fui longe demais".

- Eita, é melhor nós ir lá prosear com o velho pra ele não endoidecer com a neblina.

Sentaram perto do velho e tentaram puxar um papo qualquer. Falaram do tempo, dividiram a tal da xiputinha e perguntaram ao velho de onde ele vinha.

- Venho de longe, muito longe. Há dias que venho navegando travando luta com o maior, mais belo, sereno e nobre peixe que já conheci. Estivera a ponto de sentir-me morrer... Não sentia as mãos e apenas via por lampejos. Sentia-me desfalecer, mas antes de principiar, tornava a tentar matá-lo. Que falta me fez o menino! Ele sim poderia ter me ajudado a matar o grande espadarte... Pesava mais de setecentos quilos e tinha mais de seis metros do nariz a cauda!

- Você deve ter ido muito longe mesmo. Eu já pesquei peixe grande por aqui. Mas nada comparado a esse aí. Nossa canoa até emborcou de tão grande que era o peixe. A não ser baleia, no dia em que Antônio Cartola

decidiu matar umas lá perto da barra. - Exclamou seu Manoel perplexo com o tal espadarte.

- *Peixe grande assim... E ainda sozinho? E cadê o peixe?* - Pergunta seu João, meio desacreditado.

O velho ficou olhando ao longe como a relembrar toda a luta travada com o magnífico espadarte. Parecia vê-lo ainda preso à linha, dando saltos para tentar escapar. O velho também se via, a gritar com sua mão esquerda: "*Sinta cãimbra, transforme-se numa garra... Não adianta!*" E seguia em frente a sangrar a mão para vencer o peixe.

- *O sol já nascia pela terceira vez e o peixe ainda nadava em círculos. Não era possível saber quem arrastava quem... Na volta seguinte o dorso do peixe estava de fora, mas ainda um pouco afastado do barco. Mas eu tinha certeza de que, ganhando mais linha, o conseguiria pôr ao lado do esquife. O arpão há tempo já estava preparado. Já não agüentava muitas mais voltas. Mas dizia para mim: "Sim, aguentas... Aguentas como nunca". Então, convoquei toda minha dor, o que me restava de forças e até o meu orgulho perdido... Lancei tudo contra a agonia do peixe.*

- *E o peixe?* - Interrompeu seu João extasiado por imaginar o que acontecera.

- *O peixe veio rente à borda e nadou mansamente, com o nariz quase roçando o costado do barco, e começou a passar-lhe por baixo, longo, fundo, largo, prateado, listrado de púrpura, interminável nas águas.*

- *E aí você pegou ele?* - Adiantou seu Manoel, imaginando como seria pegar sozinho um peixão desses.

- *Eu larguei a linha, calquei-a com o pé, levantei o arpão ao alto e fi-lo descer, com toda a força que tinha e mais força que invoquei no momento, pelo flanco do peixe adentro, mesmo por trás da grande barbatana peitoral que alta se erguia no ar à altura do meu peito... Senti o ferro entrar e*

debrucei-me sobre ele para carregar o meu peso... O peixe então reanimou-se e saltou bem fora da água, patenteando o seu grande comprimento, a sua envergadura, o seu poder inteiro, a sua beleza... Depois, caiu na água lançando espuma por todo o barco.

- Nossa... - Suspiraram estarecidos, seu Manoel e seu João.

- Depois que a luta acabou, ainda tinha trabalho de sobra... Amarrei o peixe à proa, à popa e a meia-nau. Era tão grande que era quase como ter ao lado um barco muito maior. O peixe deixava um rastro de sangue no mar... E ao longe avistei um Mako... Era tal qual um espadarte, com a diferença das medonhas queixadas que levava cerradas ao nadar veloz... Era um peixe feito para comer todos os peixes do mar. Esse tubarão nada temia e havia de fazer exatamente o que lhe apetecia.

- O caçãõ foi pra cima de vocês? - Perguntou seu Manoel, incrédulo

- O tubarão veio pela popa e, quando chegou ao peixe, eu o vi abrir a boca e aqueles olhos estranhos, e vi os estalos do dente a fecharem-se na carne... Ele rasgava o grande peixe quando eu cravei o arpão na cabeça do tubarão... O dentuço levou-me uns vinte quilos do peixe. O meu arpão, foi embora com o tubarão. Sabia que outros viriam... Não havia o que eu pudesse fazer... Vieram outros, tubarões-martelo dessa vez, lutei com remos, faca e cacete. Mas outros mais vieram depois... Rasgavam a carne do grande peixe até restar-lhe somente a cabeça... Pedi desculpas ao grande peixe, não deveria ter ido tão longe.

- E você soltou ele no mar? - perguntou se João.

- Ainda continua preso ao esquife... Ando muito cansado.

-Vamos lá ver então... - Pediu seu Manoel, que rapidamente levantou e sumiu no nevoeiro. O velho foi logo atrás. Seu João ainda tonto com a história demorou-se em levantar, quando tentou segui-los perdeu-se em

meio à neblina... Imaginava-se no mar rodeado pelos tubarões e pelo tal grande peixe... A cabeça girava e, então, desfaleceu...

O Sol já ia alto quando o seu João acordou, estava na sua canoa que rumava à entrada da baía. Procurou ao seu redor pelo velho e pelo amigo, não encontrou... Sentia-se perdido. Havia sido um sonho? O velho, o espadarte, os tubarões... A cabeça rodava, o sol do meio dia queimava-lhe o couro, sentia-se alucinar. Já chegava bem perto da baía quando avistou a canoa do seu Manoel indo ao longe... Parecia sem rumo também.

Sua barriga roncava quando percebeu que sua xiputinha estava guardada no fundo da canoa, não havia sido mexida... Sem entender, mastigou-a lentamente, apreciando a baía, seus segredos e mistérios.

Parte 3. Poéticas da vida no mar

Ondulações irregulares, tormentas doentias, mares *almirantados*¹⁶... Ou, reflexos sutis de um espelho d'água resplandecente com calmarias infantis. O mar permite sonhar e adentrar pelo desconhecido, cativa, convida a um mergulho, um deixar diluir-se... Essas são imagens das águas marinhas que construí desde muito cedo e que foram ganhando contornos cada vez mais precisos quando nas suas orlas fiz morada.

Vila de pescadores, norte de Salvador. Entre tartarugas marinhas, mergulhos e caminhadas na praia, quase seis anos no cotidiano da pacata Arembepe, muito distante da minha terra natal, Porto Alegre. Mas, diferentemente do que ouvia falar, da dificuldade de quem vive longe de casa, eu me sentia completamente integrada àquele lugar. Sempre adorei lugares pequenos, que tivessem ampla vista para o mar e havia sido cativada instantaneamente pela magia daquele lugar. Também não me incomodava que amanhecesse todos os dias com a infundável rotina de cuidados das tartarugas. Gostava da cadência daquela vida, mergulhada na aura dos sons marinhos e nas cores desenhadas no céu da manhazinha ao entardecer. Agradava-me ainda mais ser tomada pela praticidade de uma vida muito simples, aprendida nos diálogos com pescadores da região.

A calma, no entanto, não significava ausência de preocupações. Talvez por me sentir tão acolhida naquele lugar, rapidamente me despertaram atenção os conflitos e problemas ambientais existentes. Foi assim que a rotina com as tartarugas marinhas aos poucos foi dando lugar a atividades de educação ambiental, ações em escolas da região, desenvolvimento de projeto com crianças e adolescentes locais, que tinha como foco a conservação da natureza associada à cidadania.

¹⁶ Refere-se ao Mar de Almirante, termo conhecido na Marinha para mares calmos e tranqüilos, ideais para navegação. O equivalente ao Céu de Brigadeiro para a Aeronáutica, quando as condições estão perfeitas para o vôo.

Já tinha ouvido muitas vezes a expressão "sentir na pele" uma situação difícil, mas naquele momento eu tinha a idéia totalmente concretizada no meu corpo. Minha pele parecia endurecer lentamente, enquanto eu buscava nos recantos da memória, sem qualquer efeito, o calor do sol das manhãs de Arembepé. Era 2008 e eu chegava à gelada cidade curitibana, onde fiquei meses hibernando, me aclimatando ao lugar. A diferença de temperatura alterou severamente meus sentidos só me permitindo esperar... Esperar que o inverno passasse, que novos amigos fizessem parte da minha vida... Esperar por um novo trabalho e por ser novamente cativada. Com a chegada da primavera, a cidade fria e enevoada parecia mais colorida e receptiva e, aos poucos, fui saindo do meu sono hibernar.

Sabia que passaria ali alguns anos da minha vida e para agüentar a distância do mar, tinha uma estratégia em mente: todas as minhas atenções estavam voltadas para um pequeno lugar no estado catarinense vizinho: Itapoá. Conheci Itapoá em 2003 em umas férias, quando ainda morava na Bahia, e todo ano passava uns dias pelo sul para reencontrar a família.

Minha aproximação com Itapoá parece ter se dado, para além da atração do mar, por uma aura de contos e fábulas que passaram a povoar a minha imaginação. Minha infância e adolescência foram irresistivelmente absorvidas por histórias fantásticas e encantadas; cada frase dos variados livros que percorria era um colorido a mais em meus devaneios. Fui aprendendo a gostar de contar e ouvir histórias. E, assim, desenhei uma imagem de mim mesma para os anos que se seguiriam: entre as areias de Itapoá e a frieza curitibana, dias de vivências e escuta, junto aos pescadores, ambiente tão familiar para mim, e horas de leitura e escrita,

contando histórias ouvidas, sempre acompanhadas pelo chimarrão quente no canto da mesa.

Antes de conhecer Itapoá, já a havia visto por fotos e a imaginava através das histórias de infância relatadas pelo meu marido. Em seus contos, ela sempre me parecia mágica, sedutora e misteriosa. Talvez por seus relatos serem carregados de sentimentos de pertencimento, um pertencimento que fora passado pelos seus avós e seus pais. Cenas que me chegavam pelas narrativas: as trilhas abertas pelo avô; a casa feita com material trazido de barco, pois não haviam estradas; as confraternizações em família; as muitas vezes que ficavam ilhados por conta de uma chuva um pouco mais forte. Com tantas histórias e relatos sobre o lugar era fácil deixar a imaginação correr, devaneios eram comuns, imagens fantásticas rapidamente tomavam formas em minha mente. E quando, realmente, estive naquela praia, senti nostalgia por tudo que vi. Queria ser capturada pela sua atmosfera de inocência. Mas rapidamente percebi que, enquanto eu ainda buscava sua magia e encantos naturais, a cidade já apresentava anseios de desenvolvimento e infraestrutura, sinônimos de aglomerados urbanos e mudanças inevitáveis de paisagem.

Quis conhecer detalhes sobre a história de Itapoá, algo que pudesse me fazer entender um pouco mais do lugar que tanto me cativara. E assim, numa tentativa de permitir me deixar levar, peguei carona nos barcos, nas redes de arrastar, na coragem, bravura e simplicidade dos seus pescadores. Desejei relatar suas histórias, apreciar o seu passado, viver o seu presente e ouvir os desejos para o amanhã. Enfim, buscar um retrato do lugar. Ou vários.

Tarde de segunda-feira ventinho frio ainda revela um inverno que demora em acabar. Chego a Itapoá sem muitas expectativas, já tomada pela calma do lugar. Pego a bicicleta emprestada e vou pela praia até a casa do Sr Lelé. Iniciaria meus primeiros contatos com os pescadores.

Na bagagem, todas as imagens que construíra nas tantas vivências que me ensinaram uma poética singular da vida no mar. Povoavam essas imagens também os cenários das canções de Dorival Caymmi, os mistérios das divindades aquáticas, as lendas dos mundos marinhos. Tudo isso compondo um cenário meio etéreo, quase imaterial. Nas primeiras conversas, no entanto, fui logo percebendo: há inúmeras poéticas do mar; há mares quase não poetizados; há uma densa materialidade na lida do pescador com o mar, ora sublime, ora densa ou até cruel, que eu nunca atinara antes. Não chegaria a dizer que meus mares e os de Caymmi eram por demais romantizados, mas que havia uma relação carnal desenhada na vida de cada pescador, e em cada lugar com traços tão singulares, que a generalização daqueles mares e pescadores imaginados significaria alguma ingenuidade.

Sem muito método, senão o de ouvidos bem atentos e uma curiosidade inquietante, fui à busca das credices, rituais, contos de pescaria, histórias de vida de homens e mulheres que davam vida à paisagem de Itapoá.

Do mar vem toda a alegria e toda a tristeza porque o mar é mistério que nem os marinheiros mais velhos entendem, que nem entendem aqueles antigos mestres de saveiros que não viajam mais, e, apenas, remendam velas e contam histórias. Quem já decifrou o mistério do mar? Do mar vem a música, vem o amor e vem a morte. E não é sobre o mar que a lua é mais bela? O mar é instável.
(AMADO, 1980, *Mar morto*, p.19)

Sentada em minha mesa, diante de tantos livros e CDs, tentava resgatar o meu ponto de partida. De onde, afinal, começara a desenhar a contagiante idéia de que havia uma aura de nostalgia e mistério da vida dos que lidam com o mar? Por que o mar era esse útero que geraria coisas tão diversas, como a música, o amor e a morte? A mim parecia que ele emanava força semelhante a das ninfas, com um poder de atração irresistível e a crueldade de perigos cuidadosamente escondidos.

E passava assim, horas, tentando encontrar um fio da meada para avançar o caminho. Mas, quantos mares já haviam sido cantados, poetizados, romanceados, enamorados! Mares melancólicos, hipnóticos, bravios ou de serenas calmarias; mares de descobrimentos, desbravamentos, naufrágios ou pescarias; mares de passagens, travessias, caminhos, pontes e... Tudo que encontrava eram patchworks... Tentada, visitar um pouco mais os cenários de Dorival, antes de encarar a concretude das falas dos pescadores.

O mar quando quebra na praia
É bonito, é bonito
O mar... Pescador quando sai
Nunca sabe se volta, nem sabe se fica
Quanta gente perdeu seus maridos, seus filhos
Nas ondas do mar
O mar quando quebra na praia
É bonito, é bonito
Pedro vivia da pesca
Saía no barco
Seis horas da tarde
Só vinha na hora do sol raiá
Todos gostavam de Pedro
E mais do que todas
Rosinha de Chica
A mais bonitinha
E mais bem feitinha
De todas as mocinhas lá do arraia
Pedro saiu no seu barco
Seis horas da tarde
Passou toda noite
Não veio na hora do sol raiá
Deram com o corpo de Pedro
Jogado na praia
Roído de peixe

Sem barco sem nada
Num canto bem longe lá do arraiaá
Pobre Rosinha de Chica
Que era bonita
Agora parece
Que endoideceu
Vive na beira da praia
Olhando pras ondas
Andando rondando
Dizendo baixinho
Morreu, morreu, morreu, oh...
O mar quando quebra na praia
(CAYMMI, *O mar*)

É noite, é noite
[...]
Pescador não vai pra pesca
Pescador não vai pescar
Pescador não vai pesca
Que é noite de temporar
Pescador não vai pra pesca
Que é noite de temporal
É noite, é noite
[...]
A mãe se senta na areia esperando ele voltar
A mãe se senta na areia esperando ele voltar
É noite, é noite, é noite...
(CAYMMI, *Noite de temporal*)

Lidas do pescador, submisso às determinações da natureza, e sina das mulheres, mães, sentadas na areia, esperando na noite a volta dos seus. Mar bonito, que leva embora maridos, filhos. Mar que levou Pedro de Rosinha... Mar, que quebra lindo e tranqüilizante na praia, é mar das dores de Rosinha de Chica. Ambigüidades de imagens e significações. Nuances do cotidiano dos habitantes de um mar que Dorival soube tão bem expressar.

Talvez fosse esse mesmo o tom do mistério do mar para mim: sua destemperança. Encontrei, dias atrás, uma referência de Silva a respeito da cosmovisão entre trabalhadores da pesca que destacam essa imprevisibilidade:

O mundo do mar, detentor da alteridade caracterizada por um padrão orgânico diferente e por leis próprias, relacionadas

sobretudo às marés e aos ventos, é visto como uma expressão da natureza que superpõe imprevisibilidades e regras, risco de vida e fartura. O mar tem suas constantes, suas faces conhecidas pelo pescador; mas as variáveis são tantas que a sabedoria do mestre experiente pode ser confundida pelo mistério que faz o peixe repentinamente escasso ou, ainda, pela ventania inesperada que ameaça a sobrevivência (SILVA, 2000, p. 28).

Ambiente por vezes hostil e imprevisível, o mar e a sua instabilidade regrada cativa e instiga aqueles que optam por viver nas suas bordas, dependentes bravios de intempéries anunciadas. Inquilinos fiéis desta morada inconstante, os homens do mar são arpoados pelos encantos que jazem numa camuflada liberdade, nas gaivotas andarilhas, nos poentes silenciosos e na cachaça vespertina. O estilo desapegado e solto das amarras continentais culmina em algemas salgadas da vida litorânea.

Mares que ilustram pesadelos, inquietudes sem fim; coléricos, revoltos. Mares tão volúveis e inconstantes, de cores tenazes que variam conforme o sedimento, fundo ou fim; temperamentais:

A água do mar é cinza e da cor da atmosfera, sobretudo quando está tranqüila; mas, se for agitada, adquire diferentes tons: verde, pardo, azul-esverdeado, violeta-escuro misturado com o branco espumoso da extremidade das ondas que se aniquilam, rolando e quebrando sobre si mesmas. A onda que vem dar na praia é espumosa e esbranquiçada, ao passo que no alto-mar ela se mostra geralmente colorida no lado iluminado pelo sol. O reflexo das montanhas e das nuvens, algumas vezes a mistura de corpos estranhos, contribuem para colorir as águas do mar.¹⁷ (VALENCIENNES *apud* CORBIN, 1989, P. 171)

Quando li essa descrição do mar, tive a nítida impressão de que suas cores tinham mesmo a ver com os humores das águas, humores que determinavam suas graças ou cóleras. E tudo que conseguia com a leitura e os sons que me chegavam era o fortalecimento da imagem prévia: lar de

¹⁷ Valenciennes, com olhos atentos e observadores, detalha as cores e tons que o Mediterrâneo adquire. Incita o olhar à "mutabilidade da substância aquática, a espreitar a cor fugitiva, a perceber a limpidez do mar que sai "rejuvenescido" da tempestade. Animado por esse exercício de virtuosismo, Valenciennes propõe um mapa cromático da totalidade dos mares do planeta". (CORBIN, 1989, p. 171)

mistérios velados, segredos abissais, cuja grandeza permite esconder tesouros perdidos, cidades submersas, ilhas vulcânicas, recursos cênicos, palcos para piratas, naufragos, *Crusoés*¹⁸, habitantes fugazes e intermitentes de contos, narrativas e sonhos marítimos.

Cheguei a esse ponto, desistindo de encravar-me definitivamente na materialidade do cotidiano marinho. Teria que passar pelas tessituras das águas e pelas poéticas do mar, na tentativa de dar vida às diversas imagens que pudesse encontrar pelo caminho. Resolvi desprover-me de cuidados excessivos e, como alguém que fotografa cenários, ir dando visibilidade a tantas diferentes imagens compostas por culturas e olhares diversos.

Encanto das águas

Poços, rios, lagos, mares e oceanos: habitat de deuses, ninfas e seres fantásticos. Há, para a água, uma diversidade de imagens, "representando uma infinidade de elementos mitológicos, a promessa de desenvolvimento, o retorno às origens, fonte da vida, meio de purificação e centro de regeneração" (FORJAZ, 2007, pg. 31).

Dentre todas as imagens constituídas, a pureza sempre foi a que mais me instigou. Li *A água e os sonhos* sem qualquer interesse analítico denso, mais pelo desejo de visualizar, nas descrições bachelardianas, a diversidade de imagens que o ser humano pôde criar com as águas. Foi assim que encontrei uma especulação sobre a pureza:

Não se pode depositar o *ideal de pureza* em qualquer lugar, em qualquer matéria. Por mais poderosos que sejam os ritos de

¹⁸ O termo aqui estereotipado refere-se ao personagem conhecido como Robson Crusoé, cuja história é baseada no conto verídico de um marinheiro escocês que engendra no mito da solidão ao ser abandonado em uma ilha. O conto gerou romance, filme e série de TV.

purificação, é normal que eles se dirijam a uma matéria capaz de simbolizá-los. A água clara é uma tentação constante para o simbolismo fácil da pureza. Cada homem encontra sem guia, sem convenção social, essa imagem natural. Uma física da imaginação deve pois levar em conta essa descoberta natural e direta. Deve examinar com atenção essa atribuição de um valor a uma experiência material que se revela assim mais importante que uma experiência comum. (BACHELARD, 1997, p. 140).

Permanente no imaginário e no corpo orgânico, a água representa vida e matéria, sonho, ilusão; devaneios de sentidos e visões melancólicas são atributos associados a sua fluidez e tormenta. Tantas são as imagens associadas às águas que mitos e lendas nascem em sua alusão, enriquecendo de símbolos, representações e significações a sua materialidade.

Quando comecei a ler sobre a diversidade de imagens compostas com as águas, fui me envolvendo cada vez mais no emaranhado de suas significações a ponto de achar que tinha me perdido permanentemente. Mas, no meu mergulho em busca dessas imagens, deparei-me com o pequeno texto *Os significados múltiplos das águas*, e consolei-me por ver que o encontro com águas é um encontro que pressupõe, de fato, um perder-se, dada a expressividade de sua presença, reconhecida nos textos de Cunha:

Está nos mitos e na história. Está no dia e na noite, nas estações do ano: nas águas de janeiro, primeiras águas, nas águas de março, que fecham o verão, como canta Tom Jobim, nas águas outonais ou primaveris. Está na vida dos amantes, nos encontros amorosos, nos beijos molhados, na dança dos corpos suados que se enlaçam e se fundem em laços de amor - no gozo lúbrico... Nas celebrações da vida e da morte, nas cerimônias de adeus, a água-lágrima, no batismo, água benta para a purificação divina. [...] Representam o perpétuo movimento da vida, embora existam águas-paradas ou águas mortas, ou ainda águas dormentes. São leves ou pesadas, quentes ou frias, e há também as águas mornas. Indicam a passagem do tempo, são águas-passadas ou águas-que-rolam (CUNHA, 2000, p.16).

Em todos os seus estados físicos a água possui significações, sentidos e usos. A sua constante inconstância lhe confere flexibilidades de sentidos e

sensações, desde o cálido vapor ao inerte e gélido sólido. Do gasoso, quente e relaxante estado vaporoso da água têm-se a impressão de uma letargia do ser, que assim como a um vapor, aquieta-se num momento de desleixo e descanso. O torrente estado líquido estará sempre atrelado ao movimento, à ação, à fluidez com que deixamos a vida passar. Já o gelo e a inerente frieza do estado sólido nos mantêm rígidos e absortos numa condição latente do ser à espera da fusão que nos aquecerá e revelará. E todas as faces mutáveis e mutantes deste elemento podem ser percebidas como na imagem do despertar de uma manhã gelada, que pouco a pouco é aquecida pelos primeiros raios do sol: vemos o calor se dissipando das folhas, vapores do orvalho adormecido em sua superfície; a grama, com resquícios da geada da noite, derrete-se em deleite ao novo dia.

Fonte sagrada de rituais e simbolismos, a água está presente da vida à morte, das graças da pia baptismal ao dispersar das cinzas em lagos, rios e mares. A água abençoa nossas vidas, nos põe crentes, nos beatifica, pois é a fonte e a origem: "simboliza a soma universal das virtualidades; [...] o reservatório de todas as possibilidades de existência; ela precede todas as formas e sustenta toda a criação" como compreendeu Mircea Eliade (1996, p. 151).

Chega-me de tempos longínquos a ansiedade pela visão das indescritíveis quedas d'água quando, depois de horas de trilhas pela mata, experimentava as primeiras sensações da brisa da cachoeira na pele, na face. Rapidamente a caminhada se tornava ritual: absorta, letárgica a espera da queda d'água, límpida o suficiente para purificar corpo e alma.

Paisagens de lembranças... Quantas memórias um banho de cachoeira, mar ou lagoa, pode nos aquiescer. A água que escoia pelas pedras, que vem mais bravia pela arrebentação, ou que se encontra serena nos bosques, nos toca eriçando nossa pele, iluminando os cabelos e acalmando nossa alma. Como

um banho desses pode ser relaxante e revigorante! Pode fazer com que queiramos parar o tempo, para que o êxtase do momento prolongue-se por muitos mergulhos; para que a inspiração e o entusiasmo nos envolvam em cada emersão; e ali, numa paisagem hidratada e reconfortante, possamos deixar para trás tudo o que nos inquieta, nos ignora; pois a água carrega tudo, já que é a fonte do novo, da renovação.

E o que dizer das cores das águas? Ficam marcadas em lembranças arrebatadoras que por vezes irão permear nossos sonhos, como num retorno a um refúgio secreto... Como que num lampejo de lembranças, Thoreau evoca suas experiências para nos contar com riquezas de detalhes as paletas de cores que o espelho da água lhe revelou ao longo da temporada em que viveu imerso nos bosques. Seu relato busca os mais variados ângulos e pincela vividamente as tonalidades das estações que, como a um arco-íris personificado, irradia profusões de cores místicas que só os olhos da vivência puderam enxergar:

...O Walden ainda que observado da mesma perspectiva, ora é azul, ora é verde. Colocado entre o céu e a terra, participa da cor de ambos. Visto do alto da colina, reflete a cor do céu, mas bem de perto é de tonalidade amarelada próximo às margens onde há areia e, logo a seguir, de um verde claro que pouco a pouco se intensifica até uniformizar em verde escuro toda a sua extensão. Dependendo da luz, visto do alto da colina, é de um vívido verde mesmo próximo à praia. Há quem atribua esse efeito ao reflexo da vegetação; mas o lago é igualmente verde no trecho próximo ao talude da ferrovia e na primavera antes que as folhas desabrochem, de modo que o verde pode ser o resultado da mistura do azul predominante com o amarelo da areia. Tais são as cores de seu arco-íris. Irisada também é aquela porção em que, na primavera, o gelo aquecido pelo calor do sol que se reflete no fundo e se transmite pela terra, funde-se primeiro, formando estreito canal ao redor do centro ainda congelado. Como o restante de nossas águas, quando muito revoltas em tempo claro, a superfície das ondas aparece à pequena distância de um azul mais profundo que o próprio céu, ou porque o reflita no ângulo certo, ou porque haja mais luz mesclada nela; e nessa circunstância, estando em sua superfície com o olhar dividido, de modo a ver o reflexo, discerni um incomparável e indescritível azul claro, como o que sugerem as sedas chamalotadas ou furta-cores e as lâminas de espadas, mais cerúleo que o próprio céu, a alternar-se como o

primitivo verde escuro no lado oposto das ondas, que por fim apareciam comparativamente lamacentas... (2007, p. 142 - 143)

As imagens desses espaços alagados - veias de rios, santuários de lagos - nos tocam, podendo ser sentidas nas impressões que temos desses lugares. Leite, nos seus estudos pantaneiros sobre as águas encantadas de Chacororé, nos apresenta a sua visão das paisagens alagadas do pantanal, que com mudanças sazonais se modifica intensamente, transformando aqueles que por ali vivem e por ali vagueiam.

...Aos poucos, foi (o lugar - as paisagens alagadas do pantanal)¹⁹ injetando-se em mim pelas águas. E agora ele é um espaço preenchido, mas só até certo ponto. Um nome com imagens. Não há dele uma imagem única. Uma paisagem única. De seis em sei meses, mais ou menos, ele muda. Há visões, paisagens emersas e submersas, secas e alagadas que de ano para ano são outras, diferentes. Parece que tudo se movimenta com as águas. Sempre o mesmo, sempre outro. Tudo às vezes vira mar. Semi Atlântida.
(LEITE, 2003, p.. 34).

E assim, uma estiagem mais longa do que de costume, alardeia a população local que não enxerga mais a sua morada, não reconhece a sua paisagem deveras ressecada. E então, os *seres sobrenaturais*, aludidos pelo autor, parecem rendidos ao solo, desfazendo-se junto com as águas.

Não reconheço Chacororé, não vejo suas águas. Na foto do jornal vejo um pasto muito verde e gado pastando. Curiosamente, estas imagens não me são estranhas. Um gado que pasta no interior da baía? Quantas vezes ouvi dizer que esta baía é encantada? E o gado emergindo ou submergindo das águas não é a prova do seu encanto? Quantas vezes ouvi a expressão indignada: "Agora, seca tudo a baía. Acabou!" "Só, tudo seco, tudo ilha". Talvez o encanto da Chacororé e os seres sobrenaturais que nela habitam também estejam passando pela estiagem, escoando lentamente junto com as águas. Ou pode ser que eles estejam e fiquem ali como húmus adubando aquele solo. (id., p. 46)

¹⁹ Observação pessoal, a partir da leitura do autor, esclarecendo ao que este se refere ao falar do que "foi injetando-se em mim pelas águas".

Cenários de encantamentos, as águas nos contemplam com visões mágicas e sedutoras, nos remetem a lugares felizes e aprazíveis e criam laços de pertencimento àqueles que das águas vivem.

Os encantamentos das águas salgadas parecem ter maior densidade que a água doce. A imensidão dos mares reverbera um vazio que suscita pensamentos solitários e devaneios hostis, vazio da infinitude, do incontornável poder das águas. "Água, água e mais água. Do ponto de vista dos habitantes da terra, os mares são apenas imensidões de águas salgadas. Visto da terra, para eles o mar é como um espaço fluido e indivisível, infinito volume de águas, gigante vazio da humanidade" (TASSARA e LINSKER, 2005, P. 11).

Mas é um vazio que abastece, sustenta com abundância de recursos e desejos litorâneos. Desejos de beira-mar, da vida praiana, do refúgio pacato, dos pés descalços, do tempo a passar. Mistura da atração da água e dos mistérios do passar, que torna nossos olhos e corações cativos.

Olhos e coração de pescador

Desde Arembepe cultivava uma reverência espontânea ao fitar o pescador em sua lida diária. Várias vezes fui acusada por meus colegas de alimentar uma visão romantizada desses homens e de suas mulheres. Reconheço que meu olhar poderia estar contaminado pelas histórias que lera e canções que ouvira, mas me perguntava por quais motivos deveria recusar esse olhar poetizado, num mundo que solicita cada vez mais delicadezas, ou o que poderia haver de tão equivocado nessas imagens tecidas sobre pescadores. Afinal, cada gesto nas madrugadas, sobre redes e barcos, as

silhuetas se definindo com o nascer do sol em meio às ondas, inspirariam o que mais além de uma admiração silenciosa?

E minha pergunta não se enfraqueceu nas praias de Itapoá: que homens e mulheres podem sustentar relação íntima com águas sedutoras e um mar sempre misterioso, incerto, temperamental? Terão olhos e forças singulares? Embora haja uma tentativa de delinear o perfil do pescador, devido a sua rotina única, seus trejeitos e afetividades, muitas vezes o próprio sujeito não se reconhece como diferente de um agricultor ou operário. Foi assim que um pescador surpreendeu Laberge (2000): "pescadô num tem natureza diferente do agricultô, do operário", recusando-se a bicho raro.

Eu, assistindo a rotina dura e ouvindo as grandes histórias contadas, continuo admitindo singularidades nos olhos e no coração de pescadores, enquanto seus corpos refletem a vida marinha na salmoura da carne, no curtido da pele, na sensibilidade e simplicidade da vida litorânea. Será que insistia numa imagem irreal? Se sim, não era a única, continuava a encontrar escritos e a ouvir canções que destacam seus modos de viver:

A concepção totalizante ainda subsiste entre as populações marítimas que mantêm um contato estreito com o mar e dele retiram sua subsistência; essas populações humanas têm uma percepção complexa do meio marinho e seus fenômenos naturais. [...] As comunidades marítimas se constituem pela prática dos pescadores num ambiente marcado pelo perigo, risco, mobilidade e mudanças físicas (DIEGUES, 2004, p.51-56).

Desafios aceitos por quem deseja o mar, mesmo com tantas dificuldades permeando suas vidas. Aceitação que vão aprendendo, pouco a pouco, nas práticas transmitidas de pais para filhos. Desde tempos remotos até a atualidade, essas vivências fluem dinamicamente de geração em geração. Com o tempo, pesca e sujeitos fundem-se intimamente.

Fui tentando, nos contatos com os pescadores e nas leituras sobre seus modos de viver e sua relação com o mar, colocar à prova as imagens

poetizadas da vida no mar. Parei, então de ouvir Dorival e fui atrás de relatos de pescadores. Foi assim, num dia à deriva, imersa entre papéis amarelados, mapas e fotos, no Museu do Mar em São Francisco do Sul, que me deparei com o livro *Antonio de Gastão pescador de Cabo Frio*, que me trouxe ricas composições poéticas e narrativas feitas pelas próprias mãos de um pescador. Composições no mar... Vida de pescador: barcos, redes de arrasto.

Pescador larga a vela ao vento
Rumo ao mar, com destreza e valor
Em seu barco de sãos elementos
No domínio que tem pescador

Dê-se à pátria um dia
Dê-se a precisar
Será o farol o seu guia
Na amplidão do mar

Pouco importa que a brisa refresca
O seu rumo representa o tufão
É o herói em seu barco de pesca
Com valor conquistando o seu pão

(*Hino de pescador*, extraído do livro de Antônio de Gastão, pescador de Cabo Frio, 1989, p. 30)

Algo que sempre me chamara atenção na vida no mar era a sensação de que o tempo, à beira-mar parecia passar mais devagar. Talvez pelas rotinas começarem tão cedo e o restante do dia após a pesca parecer ser livre, os dias pareciam ser bem mais longos. Descobri, lendo sobre relatos de pescadores artesanais a respeito, que a passagem do tempo cronológico tem estreita relação com os ciclos naturais: o nascer, o poente, as marés e as luas. Os seus dias e suas horas se diferenciam de uma rotina dos homens da terra. Muitas vezes o pescador sai ainda sem o raiar do sol, para pôr o seu barco na água, e as horas no mar são ditadas pelas pescarias, pois não há horário certo de se pegar o peixe e, assim, a paciência se torna uma virtude indispensável. A vida no mar não respeita calendários, sábados e domingos e, assim, como em um feriadão ensolarado, os pescadores podem

estar em horário de labuta, e é bem provável também que em uma segunda-feira qualquer eles se encontrem numa mesa de bar compartilhando uma cachaça, tirando a folga atrasada.

quatro horas da manhã, a casa se ilumina
o homem ainda sonolento, toma um gole de café
quente e se reanima; apaga as luzes e sai,
rumo a divinéia, põe a roupa de oleado, esgota o bote,
tremendo de frio, esfrega as mãos adormecidas e exclama:
que horror! será que tá gelado este vento?
colhe a ancora, manobra a embarcação.
deixa pra trás as águas calmosas da divinéia,
e adentra a lagoa iracunda. uma onda forte joga com o bote:
jesus meu pai, me proteja.
e quando tudo volta ao normal, o velho pescador segue seu curso.
olhos fixos nas águas, nos lábios a prece silenciosa.
na andana, puxa as redes, limpa, um peixe aqui, um acolá, alguns
siris, e o lixo? - muito lixo. coça a barba e fala sozinho:
o pêxe desapareceu, a água não salga, também rebojo
não puxa.
finda sua tarefa, fuma seu cigarro enrolado, e retorna desanimado.
na madrugada seguinte está de pé, cheio de fé. está descansado;
pescador não é coitado, é homem trabalhador,
pescador tem noites curtas e olho comprido que nem condor.
(Laura Matheus, *O dia do pescador*, 2000)

Outra questão que sempre me perseguia quando ouvia as histórias assustadoras de perigos que os pescadores passavam no mar: seria mesmo doce morrer no mar? Não podia deixar de perguntar isso pros pescadores de Itapoá, que falavam com tanta sinceridade e expressavam um mar tão material, o que pensavam disso. E assim diriam a Jorge Amado:

- Pra mim isso é fantasia. Morrer no mar não é doçura. Não ter onde se agarrar... É um grande terror. Tem que perguntar pra ele (escritor) se ele já teve um dia algum perigo no mar... Por que ele via o mar, mas ele não esteve ali sofrendo, mergulhado e sem ter onde se agarrar. (Seu Lelé)

- De hora em hora tamo vendo a morte no mar. E quantos nossos aqui já morreram no mar! Se não ocorrer de ser devorado... em 3 ou 4 dias bate na praia. (Seu Zequinha).

- *Um tio meu saiu pra pescar... Ele ia ficar noivo e queria juntar dinheiro para comprar o anel. Foi pescar e nunca mais voltou, morreu no mar. A moça casô com outro... Não é doce morrer no mar.* (D. Dulce)

Encontraria a mesma questão ainda mais radicalizada: "Não terá sido a morte o primeiro navegador?". De tão inquietante e perturbadora que esta pergunta é, oprimiu Bachelard (1997, p.75) nas suas especulações sobre a estreita relação das águas com a morte. Para o autor a navegação sempre esteve ligada a interesses poderosos, *quiméricos*, que nos adensam os sonhos com o impossível, os *interesses fabulosos*, pois "nenhuma utilidade pode legitimar o risco imenso de partir sobre as ondas... [...] O herói do mar é um herói da morte. O primeiro marujo é o primeiro homem vivo que foi tão corajoso como um morto" (1997, p.76). A água é o caminho, a travessia, a ponte que fará a passagem desta vida para alguma outra, algum lugar ou ao seu retorno maternal uma vez que "o morto é devolvido à mãe para ser reparado" (C. G. JUNG *apud* BACHELARD, 1997, p.76).

E essa aventura tão presente àqueles que fazem do mar seus caminhos, sustento e modos de vida, há de ser especial, posto a intimidade traçada entre os homens do mar e suas ondas. Seus rituais de partidas, suas crenças divinas, têm na morte foco e cacoete. Os pedidos de retorno e as celebrações ritualísticas encontram na derradeira viagem o refúgio final e têm nas águas a imagem onírica da cessação definitiva da vida, pois "a imaginação profunda, a imaginação material quer que a *água* tenha sua parte na morte; ela tem necessidade da água para conservar o sentido de viagem da morte" (*Ibidem* p. 78).

Eliade (1999) nas suas buscas de essências das religiões apreende a morte como um rito de passagem, pelos quais povos primitivos tentam vencê-la, transformando-a em transição, travessias; e morre-se para qualquer coisa

que não seja essencial, sobretudo para a vida profana. Ela é considerada suprema, iniciática, geradora de uma outra existência; existência espiritual.

Inspirado na canção do negro que convida para morte, Jorge Amado no seu romance *Mar Morto*, nos remete aos encantos e desencantos de morrer no mar, na doçura do encontro com Iemanjá, das viagens prometidas, da amante mais bonita, mas do nunca regressar. "É doce morrer no mar", o entoado canto do negro do cais ecoa ao longe como a consolar e confortar aqueles que na terra velam um ente querido.

De tão misterioso e sedutor, o mar fatídico encanta e atemoriza aqueles que o desbravam e desafiam. Mesmo em noites de mares de prometidas calmarias, lancinantes ondas são capazes de arremeter contra os seus bravios desafiantes e, assim, como numa lançada de sorte, naufragar ou sobreviver dependerá sempre dos humores marinhos:

Inesperadas nuvens vieram do sul, engoliram a lua-cheia (...) - Vai ser tempo de temporal, é melhor voltar. (...) Foi assim que o temporal, o vento uivando, as águas encrespadas, os alcançou em viagem. As luzes da Bahia brilhavam na distância, um raio rasgou a escuridão. A chuva começou a cair. (...) Pedacos de mar lavavam o barco, o vento tentava romper as velas. (...) Foi quando cinco raios sucederam-se no céu, a trovoada reboou num barulho de fim de mundo, uma onda sem tamanho levantou o saveiro. Gritos escaparam das mulheres e dos homens: - Valha-me Nossa Senhora!
No meio do ruído, do mar em fúria, do saveiro em perigo, à luz dos raios, viram Quincas atirar-se e ouviram sua frase derradeira. Penetrava o saveiro nas águas calmas do quebra-mar, mas Quincas ficara na tempestade, envolto num lençol de ondas e espuma, por sua própria vontade. (AMADO, 1961, p.67-68).

Porque era assim que deveria morrer Quincas Berros D'água, um dos velhos marinheiros de Jorge Amado que, em comemoração à sua não-morte em terra, acabara por falecer como o esperado, pois "o velho marinheiro não podia falecer em terra, num leito qualquer" (AMADO, 1961, p. 66). E assim, o esperado o acometeu, como a muitos navegadores que, como um barco numa tempestade, ficam a soçobrar, vítimas do destino.

Mas nos contos de Jorge Amado a morte no mar é sempre a esperada, a certa, a que é a mais doce; mesmo que ela chegue numa *falsa noite*, sem os sinos do fim da tarde, sem o violão na areia do cais, antes da hora, fora do tempo:

Aquela era uma noite diferente e angustiante. Sim, porque os homens tinham um ar de desassossego e o marinheiro que bebia solitário no Farol das Estrelas correu para o seu navio como fosse se salvar de um desastre irremediável. E a mulher, que no pequeno cais do mercado esperava o saveiro onde vinha seu amor, começou a tremer, não do frio do vento, não do frio da chuva, mas do frio que lhe vinha do coração amante cheio dos maus presságios da noite que se estendia repentinamente. Porque eles, o marinheiro e a mulher morena, eram familiares do mar e bem sabiam que se a noite chegara antes da hora, muitos homens morreriam no mar, navios não terminariam a sua rota, mulheres viúvas chorariam sobre a cabeça dos filhos pequeninos. Porque - eles sabiam não era a verdadeira noite, a noite da lua e das estrelas, da música e do amor, que chegara. Esta só chegava na sua hora, quando os sinos tocavam e o negro cantava ao violão, no cais, uma cantiga de saudade. A que chegara carregada de nuvens, trazida pelo vento, fora a tempestade que derrubava os navios e matava os homens. A tempestade é a falsa noite (AMADO, 1980, p. 13).

Menos inspirador e menos poético é o relato de Tassara e Linsker, onde a morte no mar não é doce, não é calma. Seus estudos mostram uma morte temida, quase que amaldiçoada, e os homens se tornam assombrações incapazes de regressar, eternos vagantes sem rumo, sem corpo por quem chorar:

Os pescadores passam boa parte da vida no mar, mas nenhum deles deseja morrer no mar, pois correm o risco de se tornarem almas penadas. É sabido que, se a pessoa morre no mar e seu cadáver não é encontrado, ficando o corpo sem as honras da sepultura, sem as lágrimas dos parentes e sem um lugar de oração, sua alma permanece eternamente errante (2005, p. 78).

Para Corbin, a morte também não tem doçura, ela mais parece resultado da desgraça, do erro, do temido, mas a água é fonte e fim para aqueles que nelas volitam: "A imensidade movente do mar carrega em si a

desgraça, [...] a imensidão da água representa a uma só vez o germe da vida e o espelho da morte." (1989, p. 18).

Ainda que a percepção da morte no mar seja de horror, não é suficientemente forte para enfraquecer seu poder cativante. Nas conversas que mantive com pescadores, raramente esse poder e as relações de afeto estabelecidas com o mar eram negados. Falar de afeto para com algo material, como um lugar, pressupõe falar de histórias de vida. Quando tentava especular sobre isso, Tuan (1980, p.5) já reconhecia que o conceito associado ao termo que propunha para referir-se ao elo afetivo entre a pessoa e o lugar - Topofilia - era difuso, só se concretizando com o conhecimento da experiência pessoal. As histórias vividas, em diferentes cantos de mar, criam contornos de uma diversidade de subjetividades. Ouvi pescadores manifestando opiniões muito negativas de seus lugares vividos, algumas motivadas pela consideração de uma vida muito sofrida, outras de decepções com as mudanças das paisagens, mas em nenhum caso ouvi negações do mar. Talvez esses laços afetivos expliquem a persistência dos pescadores.

No mundo moderno as comunidades pesqueiras, de modo geral, são pobres quando comparadas com comunidades agrícolas no interior; e se elas suportam este modo de viver, não é tanto pela recompensa econômica, senão pelas satisfações obtidas deste estilo de vida ancestral e tradicional. (TUAN, 1980, p. 133).

E, lendo essas palavras, novamente me vem a preocupação de estar contornando discussões mais materializadas para preservar a idéia de uma vida singular muito etérea, pouco prática. Afinal, no mundo atual, é difícil compreender um certo desinteresse econômico em nome de um estilo de vida pacato. Mas, insisto um pouco mais nos argumentos de Tuan e sou forçada a reconhecer um fascínio que pode ter a força de suscitar desapegos. O mundo simbólico, tecido com a geografia e as significações construídas ao longo de

uma vida inteira, abriga afetos muito particulares, motivando percepções complexas da vida no mar.

Não é difícil entender a atração que exercem as orlas marinhas sobre os seres humanos. Para começar, sua forma tem dupla atração: por um lado, as reentrâncias das praias e dos vales sugerem segurança; por outro lado, o horizonte aberto para o mar sugere aventura. Além disso, o corpo humano, que normalmente desfruta apenas do ar e da terra, entra em contato com a água e a areia. [...] A praia também é banhada pelo brilho direto e refletido da luz do sol, porém a areia cede à pressão, penetrando entre os dedos do pé e a água recebe e ampara o corpo.

[...] Nosso primeiro lar não foi talvez como um Éden, localizado perto de um lago ou de um mar? De acordo com Carl Sauer, a praia apresenta as seguintes vantagens: "nenhum outro ambiente é tão atrativo para o aparecimento do homem. O mar, especialmente a parte da praia que sofre a maré, apresentou a melhor oportunidade para comer, fixar, reproduzir e aprender. Permitiu provisões abundantes e diversas, contínuas e inesgotáveis. Foi um convite para o desenvolvimento das habilidades manuais. Deu-lhe um nicho ecológico apropriado para que a etologia animal pudesse se transformar em cultura humana". [...] No passado pré-histórico, a evidência de sambaquis sugere que as praias marinhas e lacustres foram muitas vezes capazes de suportar densidades populacionais maiores que as das terras interiores, onde as pessoas dependiam da caça e da coleta. (1980, p. 131-133).

Volto a compreender a maneira como o pescador cria laços e vínculos com a vida marinha, permitindo que a pesca não seja apenas uma profissão, mas um modo de vida intrínseco aos amantes litorâneos.

As mulheres e o mar

Sempre me perguntei por que nunca encontrava figuras femininas nas histórias de pescadores, a não ser como as que esperavam, aflitas, o retorno de seus homens do mar. As imagens femininas associadas a divindades do

mar, como as oceânidas²⁰ e Iemanjá, também povoam as canções e romances que o tem como cenário.

Mas, quem visita os cotidianos praianos encontra mulheres ativas, assumindo trabalhos associados a pesca e até embarcando para alto mar, como a Dona Tereza e dona Mariquinha com suas histórias sobre aventuras de pesca nos mares de Itapoá.

No entanto, embora a mulher esteja presente nas coletas de crustáceos, mariscos e algas, em áreas de pescarias, como mangues, enseadas, lagos e praias, ela não é vista como uma *pescadora*, longe disso, inclusive, muitas vezes ela é impedida de se aproximar de aparelhos da pesca.

A mulher, em geral, não pode nem deve sequer ajudar no trabalho do mar - não puxa cabos, não carrega peixes, não empurra o barco, não coze a vela. Às vezes, ela participa como coadjuvante no conserto de uma rede rasgada e ajuda muito na hora de tratar e preparar os peixes e crustáceos. Ou seja, pesca não é serviço de mulher.

Alguns homens não gostam nem mesmo que as mulheres olhem ou encostem as mãos em seus equipamentos de pesca, para não afastar a sorte na pescaria. Na região Norte, acredita-se que a mulher é fonte de *panema*, podendo transmitir infortúnios ou azar, tanto ao pescador como ao seus instrumentos de trabalho. Uma vez tocados por uma mulher, o pescador corre o risco de que seu arpão não consiga matar nenhum peixe e que sua tarrafa não traga nada, apesar de seus esforços e de sua destreza na realização da tarefa. (TASSARA e LINSKER, 2005, p. 66).

E assim, proliferam-se as imagens de mulheres abolidas dos afazeres e práticas pesqueiras, as mulheres então, buscam rendição e renda nos artesanatos. Dos mais variados e característicos de cada região, inclui desde rendas, bordados até cerâmicas e cestarias. As narrativas romanceadas do escritor português Raul Brandão, no livro *Os pescadores*, feito em memória a seu avô, morto no mar, nos retrata em pormenores as longas esperas femininas e algumas das ocupações cotidianas dessas mulheres que têm no mar o seu sustento, inspiração e lamentos.

²⁰ Na mitologia grega e romana as oceânidas são as ninfas do fundo do mar, filhas de Oceanus.

...Meu avô materno partiu um dia no seu lugre; minha vó Margarida esperou-o desde os vinte anos até a morte, desde os cabelos loiros que lhe chegavam aos pés até os cabelos brancos com que foi para o túmulo. Quando os rolos de espuma rebramiam no Cabedelo, apertavam-se os corações no peito, e à luz da candeia rezavam horas esquecidas - pelos que andam sobre as águas do mar-. (...) A renda de bilro é uma indústria da beira mar, destas mulheres loiras, de olhos azuis e rosto comprido - as da Foz, as de Leça e as de Vila do Conde- que passavam a vida à espera dos homens, enquanto as mãos ágeis iam tecendo ternura e espuma do mar. (BRANDÃO, 1985, p.9)

Talvez as feições, línguas e trejeitos diferenciem e individualizem as tantas mulheres praieiras, em longas costas marítimas; mas embora haja tantas diferenças, maiores ainda são as semelhanças estigmatizadas nessas mulheres: rendas, bordados, cestarias, artesanatos salgados, mareados, tecidos, cosidos, cerzidos, tramados por mãos femininas habilidosas na arte de ocupar-se, preencher o tempo enquanto esperam os maridos, os filhos, o sustento do mar. E como não lhes bastassem serem tidas como iguais nas labutas diárias, o que mais se diz que as assemelham são as mágoas açoitadas no peito, nas lembranças de outrora, nas lamúrias das perdas e nos consolos do provimento.

...Esta velha, crestada pela desgraça e pelo tempo, com sulcos de velhice e de lágrimas na cara, é o que os impele para o mar. E o mar tem-lhos levado todos. Dobra-se-lhe o corpo exausto, rodilha gasta pela vida. Mas, quando o inverno chega e a fome aperta, é ela que os injuria:

- Má raios partam ao mar! Então quereis morrer à fome e os mininos?

Se os batéis estão em perigo, corre a costa, açoitada pelo vento, bebendo as lágrimas e o cuspo do mar e contendo o coração em farrapos, com as mãos negras apertadas sobre a tábua rasa do peito.

- Quem lhe falta, tiazinha?

- O meu filho, o meu neto. Já o maldito me levou o pai, leva-me agora os filhos!

Andou toda a vida de luto. Viu-os despedaçados nas pedras e deitou toda a ternura que tinha para deitar. Mas incita-os, pragueja, empurra-os para que não haja fome em casa. Só o mar dá o sustento e a morte. Há mais de um mês dura o inverno.

- Má raios partam ao mar!

E corre com as redes à cabeça, a cesta no braço e os soluços represados na garganta, levando o neto atrás de si a rasto para o barco.

- Tenho chorado tantas lágrimas como aquele mar salgado!
(BRANDÃO, 1985, p.53)

Eu, sempre meio descrente de tanta tristeza envolvendo mulheres tão doces, outras tão fortes, alegres. Enquanto ouço Dona Tereza contar suas aventuras no mar em tempos idos, cheia de satisfação, continuo encontrando por tudo que leio a imagem da mulher melancólica, estática esperando que o mar devolva seus amados... Como na melodia triste ritmada pelo negro do cais de Jorge Amado: "desgraçada é a mulher que vai com um homem do mar. Sorte boa ela não terá, infeliz destino é o seu. Seus olhos não pararão mais de chorar, e cedo murcharão de tanto se alongarem para o mar, esperando a chegada de uma vela" (1980, p.26). E por terem o destino traçado, delineado pelos desígnios das ondas, comum às outras esposas do mar, vêem-se umas a outras iguais a espelhos que refletem o amanhã, nas perdas de hoje, nas alegrias de outrora. E como a um pacto, contrato de irmãs, se unem em uníssonos de pensamentos, como que numa irmandade do cais, pois as dores que acometeram a noite de *Marias* podem amanhecer nas mágoas de *Joanas*:

...E, se numa noite, lhe viessem trazer a notícia de que Guma estava no fundo do mar e o "Valente" vagava sem rumo, sem leme, sem guia? Só então ela sentiu toda a dor de Judith, se sentiu totalmente sua irmã, irmã também de Maria Clara, de todas as mulheres do mar, mulheres de destinos iguais: esperar numa noite de tempestade a notícia da morte de um homem. (...) É destino de todas elas. Os homens da beira do cais só têm uma estrada na sua vida: a estrada do mar. Por ela entram, que seu destino é esse. O mar é o dono de todos eles. (AMADO, 1980 p.19)

"Os homens foram feitos para partir e as mulheres feitas para esperar", dizia Érico Veríssimo (1995) a respeito da sina das mulheres nas batalhas e guerras do sul do país, cenários de seus romances. Essa frase remonta a histórias de tantas mulheres, que vivem a espera de seus homens

num cais, num trapiche. A vista a procurar por barcos, por velas. Uma espera incerta, instável dos seus homens do mar. E, mais uma vez, percebo que a espera sempre fez parte do universo feminino, da paciência materna, da coragem menina, seja no interior dos pampas em disputas ou combates ou na imensidão marinha.

Às imagens de mulheres inertes, que nada combinavam com minha impressão do feminino no mar, se somavam as divinizadas. Rituais e procissões como o de Nossa Senhora dos Navegantes mobilizam milhares de pessoas que em uníssonos de oração, rezam, agradecem e rogam por apoio, amparo e proteção:

Ó nossa senhora dos navegantes, mãe de deus, criador do céu, da terra, dos rios, lagos e mares; protegei-me em todas as minhas viagens. Que ventos, tempestades, borrascas, raios e ressacas não perturbem a minha embarcação e que monstro nenhum, nem incidentes imprevistos causem alteração e atraso à minha viagem nem me desviem da rota traçada. Virgem Maria, senhora dos navegantes, minha vida é a travessia de um mar furioso. As tentações, os fracassos e desilusões são ondas impetuosas que ameaçam a afundar minha frágil embarcação no abismo do desânimo e do desespero. Nossa senhora dos navegantes, nas horas de perigo eu penso em vós e o medo desaparece; o ânimo e a disposição de lutar e de vencer tornam a me fortalecer. Com vossa proteção e a bênção de vosso filho, a embarcação da minha vida há de ancorar segura e tranqüila no porto da eternidade. Nossa senhora dos navegantes, rogai por nós. (Oração a Nossa Senhora dos Navegantes, retirado do livro *histórias de pescador*, p.68-69)

Negadas na pesca, paradoxalmente são as mulheres quem dão proteção aos mares, lagos e rios. Muitas são as divindades ocupadas da tarefa de reger e proteger os mares, mas nenhuma delas é tão lembrada quanto Yemanjá, a Rainha do mar, a que recebe oferendas e pedidos, a que é amada e temida, aquela que é mãe e esposa. É para ela que nossos homens do mar remetem súplicas místicas de compaixão. E, mais uma vez, as mulheres são retratadas como frágeis e ciumentas: para as mulheres, embora ela seja espelho, adorno

e amor, é motivo também de inveja e rancor nas lembranças de mães, esposas e filhas dos homens do mar:

Lívia pensa com raiva em Iemanjá. Ela é a mãe d'água, é dona do mar, e por isso, todos os homens que vivem em cima das ondas a temem e a amam. Ela castiga. Ela nunca se mostra aos homens a não ser quando eles morrem no mar. Os que morrem nas tempestades são seus preferidos. E aqueles que morrem salvando outros homens, esses vão com ela pelos mares a fora, igual a um navio, viajando por todos os portos, correndo por todos os mares. Destes ninguém encontra os corpos, que eles vão com Iemanjá. Para ver a mãe d'água muitos já se jogaram no mar sorrindo e não mais apareceram. Será que ela dorme com todos eles no fundo das águas? (...) Judith que nunca mais amará um homem, já estará esquecida por que a mãe d'água é loira e tem cabelos compridos e anda nua debaixo das ondas, vestida somente com os cabelos que a gente vê quando a lua passa sobre o mar. (...) Todos a amam e até esquecem as mulheres quando os cabelos da mãe d'água se estendem sobre o mar. (AMADO, 1980 p. 21-22)

E como que hipnotizados pela sereia, que canta e encanta, os homens do mar se vão, agradecidos por serem os escolhidos, agraciados pela beleza da Rainha do mar.

De Iemanjá os pescadores catarinenses conhecem pouco, além de uma vaga imagem feminina moradora das profundezas. Suas devoções são muito mais voltadas para as virgens mães desenhadas sobre as crenças cristãs, na imagem de Nossa Senhora Aparecida, ou então, da imagem masculina de Deus e São Pedro, que guarda o dia do pescador e eleva a oração em momentos de aperto ou gratidão.

Mas, nas praias de Itapoá, vi outras mulheres. Vi as figuras levantando pela madrugada, começando os cuidados com a casa e com as redes. Mais tarde, ardendo sob o sol, fazendo a limpeza do pescado. Imaginei, com detalhes precisos, a força tentada por D. Mariquinha, lutando com o peixe que apanhara numa de suas saídas de pesca com o marido. De D. Tereza apanhando de uma miraguaia ou até mesmo de D. Maria Helena, que embora

não embarque nos barcos considera-se pescadora e desde pequena tem na pesca profissão legitimada na sua carteira de pescadora.

Conhecimento que vitalmente²¹ se adquire: os velhos e o mar

Aprender sobre mar e pescadores é aprender no mar e com pescadores. Cada frase que lera e ouvira, que pareciam tão vívidas e significativas na minha cabeça cheia de imagens formadas, tornaram-se opacas à luz do sol de Areembepe e Itapoá. Fui logo percebendo, nesses encontros com o mar, que não havia aquela subjetividade única, retratados em canções e escritos, na concretude de homens e mulheres da pesca. As mulheres de Itapoá não são as de Dorival e os homens não são os heróis de Brandão, talvez um pouco dos de Amado. São singulares. Em cada canto de mar, repetem-se as lidas do pescador, mas não suas histórias. As aventuras do *Lutador*, são só do seu Lelé. A mulher cheia de encantamentos com o mar, contrariando as faces tristonhas de mulheres a espera, está na pele da pescadora cheia de histórias pra contar.

O mar e seus parceiros só se dão em experiências de carnalidade. Talvez isso explique porque não se pode ensinar ser pescador, coisa que ouvi tantas vezes nas conversas em Itapoá. Uma educação emanada de experimentações, de vivências concretas cotidianas. Recuperemos Hemingway:

Há nesta obra um episódio importante, apesar de, na aparência, meramente episódico, a confiança no *conhecimento que vitalmente se adquire*, aliada a uma desconfiança daquele que uma exterior

²¹ Leia-se "vitalmente" como a *expressão das coisas* que ocorrem ao longo da vida. Durante a vida. Levando-se em consideração as vivências e experiências únicas de cada um, experimentadas no dia a dia. O termo "vitalmente" não está sendo usado a partir do conceito de vitalismo.

educação possa dar. O episódio é o do passarinho que vem pousar na linha de pesca, e ao qual o velho fala carinhosamente por achá-lo jovem e inerte. Mas, além de que o pássaro não entendia suas palavras, não valia a pena explicar-lhe quem eram os falcões que o esperariam junto a costa, porque o pássaro não tardaria em aprender por si quem eles eram (SENA, 1956, p.1)

O que há neste prefácio de *O Velho e o Mar* senão um conhecimento suscitado numa intrínseca relação do ser humano com o seu meio, capturando e tirando significações de atravessamentos espontâneos propiciados pelos âmbitos de vivência.

Conhecimento-arte, de quem cria, com o manuseio das redes, vida, sustento, estilo. Arte compartilhada de outrem: pescador não se faz sozinho, mas também não adquire conhecimentos em apostilas...

Embora nem todos sigam a profissão dos pais, é raro ouvir contar que um homem que nasceu pescador deixe de sê-lo depois de algum tempo. São poucos aqueles que mudam de profissão, mesmo quando as condições de trabalho são muito difíceis.

O processo de aprendizagem inicia-se na infância, de maneira lúdica, como costuma ser nas comunidades ligadas à natureza. O filho de pescador, quando ainda pequenino, aprende brincando como todo menino. E, muitas vezes, como todo menino pobre, brinca trabalhando para ajudar a família: de graça, no barco, jangada, canoa ou bote paterno; ou auxiliando os demais, recebendo peixinhos como recompensa.

Criança na areia é criança aprendendo a ser adulto; o adulto que foi menino ensinando o menino de hoje a tornar-se adulto. Durante a infância, as crianças são pouco a pouco inseridas no mundo da pesca. Observando, experimentando, fazendo, "aprendendo sozinhos", como dizem, tornam-se pescadores como seus pais, parentes e antepassados.[...] Tradicionalmente, o conhecimento para a mestrança é um misto de teoria e prática. Além disso, é preciso conhecer e dominar os rumos e as rotas do meio marinho. Acima de tudo, do mestre exigem-se responsabilidade e empenho no trato da embarcação, da tripulação e da comunidade. (TASSARA, LINSKER 2005, p.76)

Lendo essas considerações e ouvindo os pescadores de Itapoá repetindo insistentemente - "não se ensina a pescar" - lembrei-me de coisas que lera e discutira nas aulas do mestrado e que parecia ter entendido e

aceito, mas só com que ficaram muito mais límpidas com os relatos. Dizia Merleau-Ponty, autor de *Fenomenologia da Percepção*, às voltas com a recuperação de sentidos do mundo vivido:

Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência de mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual ela é expressão segunda.

(MERLEAU-PONTY, 1999, p. 3).

Nas palavras de Duarte Junior, discutindo elementos estéticos na educação, percebi que essa carnalidade, que as significações do mundo concreto são a base de qualquer movimento educativo: "o ato do conhecimento e da aprendizagem é, em sua essência, dirigido e orientado pela imaginação. [...] Quando a educação não leva o sujeito a criar significações fundadas em sua vida, ela se torna simples adestramento: um condicionamento a partir de meros sinais." (1981 p.43-56).

Lembrei-me várias vezes de Gastão, artista e pescador, durante esta escrita. Não à toa, me parece. Absorvida pela idéia do conhecimento que vitalmente se adquire, impressionara-me com seus relatos. Antônio de Gastão não teve escola, que abandonou na terceira série, quando estava ainda "fazendo cópia", mas fora escoteiro do mar. Saiu da escola porque tinha que ajudar o pai. Mas, o fato de saber escrever, no máximo, o nome e uma carta, necessitando de alguém que corrigisse o português, não o impediu de ser pescador, nem poeta: "sou repentista, trovador. Eu faço a música, tiro a letra, coloco lá na realidade... É verso trovado. Minhas músicas, poemas, é tudo assim: eu mando bater à máquina, vou ditando, e então peço para corrigir o português, as palavras muitas vezes que não estão no dicionário". (GASTÃO, 1989 p. 23). E assim foi. O pescador de Cabo Frio foi poeta,

escultor, músico, contador de histórias, além de profundo conhecedor da flora e da fauna da restinga. Criou filhos e netos tendo sempre no horizonte a imensidão litorânea e a inspiração marinha:

Desde pequeno, nós vivíamos da pesca, mas a inspiração minha já era a restinga. Andar na restinga, gravar na minha idéia as coisas da origem de Cabo Frio, da própria natureza. Eu gostava de guardar as coisas no cérebro desde novinho. Aí, comecei a fazer os meus bonecos. Vinha na minha inspiração, eu fazia com aquela alegria de fazer. Eu ia buscar em mim mesmo aquela arte, como hoje ainda faço. (id., p.44).

E assim, uma prática cotidiana fecundada em ações que emanem de sentimentos e sentidos, de vivências e experimentações, e que tenham como alelos simbologias, culturas e modos de vidas refletem no e do indivíduo e assim, dão-se por completo. *Subjetividades interpretativas* que se formam num universo absorto de razão e sensibilidade, apreciações, perspectivas e intenções capazes de tornarem-se intensas e significativas.

Ao final da trajetória...

Ao longo do trabalho vi que os *personagens* que deram vida às narrativas e conversas deste estudo se parecem muito com outros personagens reais e fictícios de histórias que falam sobre o mar e a vida litorânea. Encontrei pescadores artistas como Antônio de Gastão (1989), fantasiei, através dos relatos, aventuras parecidas como as de *o velho e o mar* de Hemingway (1956) e conheci mulheres pescadoras que não ficam só a esperar como as senhoras de Raul Brandão (1985).

Semelhanças e singularidades confundem-se e renovam-se. São como as lentigens deixadas na pele dos homens e mulheres do mar. Marcas do sol, das águas, do cotidiano marinho, que embora sejam similares em aspecto são particulares em sua disposição. Essas marcas são as trajetórias de vida. São

os rumos e caminhos trilhados pela escolha de profissão, pela escolha do jeito de viver.

Sento-me na areia da praia. A tarde está silenciosa e ouço as águas calmas quebrarem delicadamente. Percorro com o olhar a extensão da baía, seus morros, suas praias. Tento enxergar as possibilidades do lugar, suas mudanças ou transformações irão refletir nos seus habitantes, moradores e visitantes que por ali decidam envolver-se. As vozes de cada mulher e homem que conheci chegam novamente aos meus ouvidos a escuta me permite vê-los com ainda mais clareza. Lanço, então, um desejo ao mar: que a escuta permita sempre ver o outro, conhecer seus desejos e vontades e assim, as mudanças que virão acolham tais sentimentos e desenhem um lugar ainda mais envolvente.

Ao fim da trajetória fui buscar conforto na areia, no lugar onde queimei desnecessidades que trazia na bagagem, onde a areia molhada escondeu as formalidades e as perguntas cuidadosamente anotadas, releio os relatos de vidas e as impressões do lugar, relembro cada um dos entrevistados... Suspiro aliviada: valeu a pena me deixar levar, perder-me em histórias e conversas, emoções e humores. Após tantos relatos, confissões e diálogos sinto-me transformada, renovada. Naveguei por aventuras, desejos, mudanças, vontades. Encantei-me com o passado, revivendo-o pelos contos dos antigos, repletos de saudosismo e encantamento. Admirei homens e mulheres que vivem e apreciam a vida litorânea, que vêem o mar como a *casa de trabalho* e que são felizes na sua simplicidade.

Continuo atenta às águas. Desço os olhos para a folha do diário, preparando-me para colocar o ponto final, mas um barulho ao longe me traz a lembrança que por muitos dias ainda ficará guardada em minha mente: a pequena canoa contrastando com a imensidão de um cargueiro que adentrava

pela baía em direção ao porto. Minúscula, discreta, humilde, mas ainda assim, VISÍVEL.



Figura 10. A canoa e o cargueiro

[...]

Andei por andar, andei

E todo caminho deu no mar

Andei pelo mar, andei

Nas águas de Dona Janaína

A onda do mar leva

A onda do mar traz

Quem vem pra beira da praia, meu bem

Não volta nunca mais

(CAYMMI, *Quem vem pra beira do mar*)

Referências Bibliográficas

ADAMS, C. As populações caiçaras e o mito do bom selvagem: a necessidade de uma abordagem interdisciplinar. **Revista de Antropologia**, Vol. 43, n. 1, p. 145-182, 2000.

AMADO, J. **Os velhos marinheiros**. 4ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1961.

_____, J. **Mar morto**. 50ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1980.

BACHELARD, G. **A água e os sonhos**: Ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1997, 202 pgs.

_____, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BASTOS, G. C. Atividade pesqueira na Baía da Babitonga. In: CREMER, M. J.; MORALES, P. R. D.; OLIVEIRA, T. M. N. de (orgs.). **Diagnóstico ambiental da Baía da Babitonga**. Editora UNIVILLE, p. 200-244, 2006.

BRANDÃO, R. **Os pescadores**. Porto, Portugal: Editora Orfeu. 1985.

CARDOSO, E. S. Da apropriação da natureza à construção de territórios pesqueiros. **GEOUSP- Espaço e Tempo**, n. 14, p. 119-125, 2003.

CORBIN, A. **O território do vazio**: a praia e o imaginário ocidental. São Paulo: Companhia da Letras, 1989, 385 pgs.

CUNHA, L. H. de O. Significados Múltiplos das Águas. In: DIEGUES, A.C. (Org.) **A imagem das águas**. São Paulo: Editora Hucitec, 2000, p.15-25.

DEBLAIS, P.; KNEIP, A.; SCHEEL-YBERT, R.; GIANNINI, P. C.; GASPAR, M. D. Sambaquis e paisagem: dinâmica natural e arqueologia regional no litoral do sul do Brasil. **Arqueologia Sul-americana**, Vol. 3, n. 1, p. 29-61, 2007

DIEGUES, A. C. A sócio-antropologia das comunidades de pescadores marítimos no Brasil. **Etnográfica**, Vol. 3, n. 2, p. 361- 375, 1999.

DIEGUES, A. C. **A pesca construindo sociedades**. São Paulo: Núcleo de apoio a pesquisa sobre populações humanas e áreas úmidas brasileiras/USP, 2004.

DUARTE JUNIOR, J. F. **Fundamentos estéticos da educação**. São Paulo: Cortez: Autores associados; Minas Gerais: Universidade de Uberlândia, 1981

ELIADE, M. **Imagens e símbolos**: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____, M. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FABIANO, R. B. **Relatório técnico socioeconômico para criação de Unidade de Conservação de Uso Sustentável na região da Baía da Babitonga / Estado de Santa Catarina**. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio, 96 p., 2009.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Dorival Caimmy**: coleção folha raízes da música popular brasileiras. V. 12. Rio de Janeiro: Media fashion, 2010

FORJAZ, C. R. H. **Água**: substância da vida: água no mundo. 1ª ed. São Paulo: Ed. Do Autor, 2007, 224 pgs.

GASTÃO, A. **Antonio de Gastão pescador de Cabo Frio**. Rio de Janeiro: FUNARTE, Instituto Nacional do Folclore, 1989.

HEMINGWAY, E. **O velho e o mar**. Lisboa: Edição "Livros do Brasil", 1956

IBGE, 2007. Disponível em:
<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/contagem2007/SC.pdf>.
Acessado em 25 de setembro de 2008.

LABERGE, J. As naturezas do pescador. In: DIEGUES, A.C. (Org.) **A imagem das águas**. São Paulo: Editora Hucitec, 2000, p.39-58.

LEITE, M. C. S. **Águas encantadas de Chacororé**: natureza, cultura, paisagens e mitos do pantanal. 1ª ed, Cuiabá: Cathedral Unicen Publicações (Coleções Tibanaré de estudos mato-grossenses; v. 4), 2003. 155 pgs.

MATHEUS, L. O dia do pescador. In: STOLZ, E.; NOGUEIRA, M.; CURIA, M. **História de pescador**: imagens da colônia z-3. Rio Grande do sul: Gráfica Editora Pallotti. 2000

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PALAZZO JR., J. T.; CARTER, L. A. **A caça de baleias no Brasil**. 1983 p. 22. Disponível em: <http://www.baleiafranca.org.br/oprojeto/publicacoes/Palazzo%26Carter1983.pdf>, consultado em 01/02/2011

PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAPOÁ. **Dados histórico/geográficos**. Disponível em: <http://www.itapoa.sc.gov.br>. Acessado em 25 de setembro de 2008.

RUPPERT, E. E.; BARNES, R. D. **Zoologia dos invertebrados**. 6ª Ed. São Paulo: Roca, 1996, p 30.

SENA, J. Prefácio. In: HEMINGWAY, E. **O velho e o mar**. Lisboa: Edição "Livros do Brasil", 1956

SILVA, G. O. da **Água, vida e pensamento**: um estudo de cosmovisão entre trabalhadores da pesca. In: DIEGUES, A.C. (Org.) **A imagem das águas**. São Paulo: Editora Hucitec, 2000, p.27-37

TASSARA, H. e LINSKER, R. **O mar é uma outra terra**. São Paulo: Terra Virgem, 2005.

THOREAU, H. D. **Walden: A vida nos bosques**. 7ª ed. São Paulo: Ground, 2007. 288p.

TUAN, Y.F. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980

VERÍSSIMO, E. **O tempo e o vento**: o continente I. 31ª ed. São Paulo: Editora Globo, 1995

VASCONCELLOS, M.; DIEGUES, A. C. S.; SALES, R. R de. Limites e possibilidades na gestão da pesca artesanal costeira. In: Costa, A. L. (Ed.). **Nas redes da pesca artesanal**. Brasília, Ibama, 2007.

Anexo:

Vídeo em DVD: *Mares e pescadores: narrativas e conversas em Itapoá.*